



FACULDADE DE EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE
ALEXANDRINA ALVES MACHADO DOS SANTOS

A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR PARA O
DESENVOLVIMENTO INFANTIL:
UMA CONTRIBUIÇÃO DO OLHAR CENTRADO NA PESSOA

ARIQUEMES - RO

2019

Alexandrina Alves Machado dos Santos

**A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR PARA O
DESENVOLVIMENTO INFANTIL:
UMA CONTRIBUIÇÃO DO OLHAR CENTRADO NA
PESSOA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Graduação em Psicologia da Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA, como requisito parcial requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Prof^a. Orientadora: Ms. Carla Patricia Rambo Matheus

Ariquemes - RO

2019

Alexandrina Alves Machado dos Santos

**A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR PARA O
DESENVOLVIMENTO INFANTIL:
UMA CONTRIBUIÇÃO DO OLHAR CENTRADO NA
PESSOA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Graduação em Psicologia da Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA, como requisito parcial requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profª. Orientadora: Ms. Carla Patricia Rambo Matheus
<http://lattes.cnpq.br/48347736727256384>
FAEMA: Faculdade de Educação e Meio Ambiente

Profª. Ms. Eliane Alves Almeida Azevedo
<http://lattes.cnpq.br/4994015719356247>
FAEMA: Faculdade de Educação e Meio Ambiente

Italo Adão Aguiar Oliveira
<http://lattes.cnpq.br/1014938637023609>
FAEMA: Faculdade de Educação e Meio Ambiente

Ariquemes, _____ de _____ 2019.

FICHA CATALOGRÁFICA
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Júlio Bordignon – FAEMA

SA237i SANTOS, Alexandrina Alves Machado.

A importância do brincar para o desenvolvimento infantil: uma contribuição do olhar centrado na pessoa. / por Alexandrina Alves Machado Santos. Ariquemes: FAEMA, 2019.

70 p.

TCC (Graduação) - Bacharelado em Psicologia - Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA.

Orientador (a): Profa. Ma. Carla Patrícia Rambo Matheus.

1. Infância. 2. Brincar. 3. Brincadeira. 4. Desenvolvimento Emocional. 5. ACP. I Matheus, Carla Patrícia Rambo. II. Título. III. FAEMA.

CDD:150.

Bibliotecária Responsável
Herta Maria de Açucena do N. Soeiro

CRB 1114/11

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, e ser o autor de meu destino. Ao meu pai Jair Paulo Machado, minha mãe Regina Aparecida Alves Dias aos meus irmãos, a minha Filha e companheira Rosa Eloah dos Santos e ao seu pai que de maneira particular pode contribuir para que esse momento chegasse.

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus por ser o autor de meu destino, meu guia, socorro presente em todos os momentos de minha vida e principalmente na hora das angústias, por ter sido meu alicerce todos os dias, momentos, minutos, e em cada respirar, por ter dado saúde e força a minha família para que eles pudessem ser meu alicerce e minha estrutura aqui na terra.

Aos meus pais, que apesar de todas as dificuldades, me ajudaram na realização do meu sonho, aos meus irmãos por terem sido sempre parceiros e compreensivos, a minha filha pois ela é um dos principais motivos para tanto esforço e dedicação. Todos os dias agradeço por Deus ter me dado essa estrela que brilha todos os dias em meu coração e em meu cotidiano, o maior presente que pude ganhar nesta jornada acadêmica além do conhecimento e aprendizagem que foi ser mãe, com você é como se eu tivesse renascido, considero que passei meramente pelo processo da metamorfose, e sou eternamente grata a minha filha pois foi a inspiração para a escolha do tema de pesquisa, sempre houve uma grande admiração pelo ser infante, e suas particularidades o mundo infantil e a maneira como veem o mundo, a transparência sem maldade, confesso que pude me compreender em vários aspectos, neste mundo genuíno e verdadeiro que é ser criança, confesso que estava perdendo essa essência até o nascimento de minha filha, pude me renascer junto dela e ter novamente esse contato comigo mesma.

Hoje tenho a sensação de missão cumprida pois foi difícil a jornada até aqui, como já foi dito agradeço a minha mãe por nunca ter desistido de mim, mesmo nos momentos que eu desisti de mim mesma, ao meu pai pela grande paciência pois mesmo com seu jeito diferente de se expressar sempre esperou o meu sucesso.

De maneira especial agradeço a cada professor que teve paciência e até mesmo segurou minha filha no colo, para que fosse possível realizar provas e atividades, pois desde os seis meses de vida que trago ela para a faculdade, aos colegas de classe que nos acolheram com todo amor e carinho e compreensão, a essa turma a qual tive a honra terminar a graduação, pois papai do céu não poderia ter escolhido a melhor turma para que eu pudesse chamar de minha turma, amigas e amigo

obrigada por tudo, desta turma sei que ganhei eternos amigos, comadres e colegas de profissão até mesmo irmãs e em especial a Adriana Souza que por vários momentos me acolheu em minhas crises acadêmicas, e contribuiu de maneira especial que essa pesquisa desse certo, me enviando todo e qualquer material que encontrava que falava de criança e brincadeira enchendo minha caixa de entrada do e-mail, mesmo que não fosse utilizado servira para título de conhecimento, a Jayne Gomes de Lima em minhas crises existências, a Sara Kaliana por ter cuidado de nossa Baby em vários momentos, em especial também agradeço as minhas amigas psicólogas Ana Cristina Silva e Marcia Fernandes Santiago, que sempre estiveram ao meu lado fora da vida acadêmica e em momentos delicados e especiais de minha vida.

De maneira geral agradeço a todos os estudantes do curso de psicologia em especial a próxima turma em específico as acadêmicas e futuras psicólogas Cleuza Caroline da S. M. Narloch, Juliane da Silva Braga, Marcela Brasil e a turma anterior em exclusivamente as acadêmicas e futuras psicólogas, Stéfany Cristine Silva Araújo, Ana Paula Saraiva Soares, Glenda Leane Corteze Soares e Giovanna Nakad Matias, pois com vocês pude aprender ainda mais sobre o que é o amor ao próximo, o que aqui chamo de empatia e aceitação incondicional, cada uma com suas peculiaridades que me cativaram e também a nossa “mascote” da turma, nos ajudou a crescer e nos deu animação para enfrentar o cansaço todas as noites de bicicleta para chegar na instituição de ensino, minha eterna gratidão por terem nos acolhido e por vários momentos terem me auxiliado com cuidados e atenção a minha filha em vários momentos que necessitamos, vocês são indivíduos de luz, e especiais que carrego com carinho enorme e a qual vou ter eterna gratidão.

Agradeço também aqueles que não acreditaram em meu potencial, que me colocaram para baixo justamente nos momentos em que eu mais precisava, aqueles que disseram que eu não conseguiria, que eu iria desistir, que me nomeou de “Burra”, sem cultura, “preta”, desatenta, preguiçosa, enfim aqueles que ao me olhar só enxergavam uma derrotada e que não iria chegar em lugar algum, ainda mais agora com uma criança, não teria como estudar, e por fim desde os seis meses de idade carrego de bicicleta todas as noites a minha estrelinha, para que assim eu pudesse concluir uma etapa de minha vida na qual houve a necessidade em se colocar em pausa, mas que continuei com todo orgulho e esperança de que conseguira finalizar com êxito, por fim agradeço todos que não vieram o ser

Alexandrina Alves, como um ser potente e criativo, pois tudo o que foi dito e até mesmo o não dito porém expressados com olhares e comportamentos de forma negativa, serviu como base para que em meio as dificuldades eu conseguisse chegar onde eu estou hoje, me fez chegar até mais um sonho realizado e um objetivo, foi um desafio enorme e em alguns momentos doloridos mas essas vivencias serviram como adubos para que eu alcançasse este êxito. Minhas experiencias de vida sempre tiveram esses pontos que me deixasse triste, porém nunca com pensamento de desistir, todo e qualquer ser humano passa por dificuldades, negações, falta de credibilidade e inteligência, e isso me manteve de pé a cada dia, a palavra que resume meu sentimento no momento é de é Gratidão.

“Nós não paramos de brincar porque envelhecemos, mas
envelhecemos porque paramos de brincar.

Oliver Wendell Holmes

RESUMO

A Abordagem Centrada na Pessoa resguardar-se o desenvolvimento subjetivo através da liberdade e autonomia oferecida ao sujeito para que ele possa trilhar seus caminhos visando obter respostas para suas inquietações, dúvidas e anseios. A infância é marcada como uma das principais fases de desenvolvimento e construção do ser e se defende que a ACP seja levada em consideração nesse período, aliado principalmente às brincadeiras indissociáveis desse contexto. Diante de tais considerações, o presente estudo tem por objetivo indicar a importância do brincar no desenvolvimento infantil, refletir sobre o brincar como meio facilitador da expressão da criança, tendo como foco a ACP. Ao longo da pesquisa se fez necessário conceituar o termo infância, sendo a infância considerada um importante período da vida humana somente no decorrer do século XX em contraposição as considerações durante a idade média, onde as crianças eram adultos em miniaturas, sendo desde cedo imposta as mesmas atividades da fase adulta. A importância das brincadeiras como elemento de desenvolvimento humano subjetivo, social, emocional, familiar e escolar da Criança foi também alvo de estudos concomitante a ACP. A metodologia empregada na pesquisa é de natureza bibliográfica, com a participação de importantes autores que contribuíram como a concretização do estudo. Acredita-se que o brincar como descoberta de um mundo ao qual a criança desde cedo tem contato, e como um meio que proporciona as mesmas desfrutar da melhor fase da vida assim como elemento vital a formação de cidadãos felizes e conscientes de seus papéis na sociedade.

Palavras-Chave: Infância; Brincar; Brincadeira; Desenvolvimento Emocional; ACP.

ABSTRACT

The Person-centered approach protect the subjective development through the freedom and autonomy offered to the subject so that he can walk his ways to obtain answers to his worries, doubts and desires. Childhood is marked as one of the main stages of development and construction of the being and it is advocated that the ACP be taken into account in this period, allied mainly to the games inseparable from this context. Given these considerations, this study aims to indicate the importance of play in child development, reflect on play as a facilitator of child expression, focusing on the ACP. Throughout the research it was necessary to conceptualize the term childhood, being childhood considered an important period of human life only during the twentieth century in contrast to considerations during the middle age, where children were adults in miniatures, being from an early age imposed the same activities of the adult phase. The importance of play as an element of subjective, social, emotional, family and school human development of children was also the subject of studies concomitant with ACP. The methodology used in the research is of a bibliographic nature, with the participation of important authors who contributed to the completion of the study. It is believed that the play as a discovery of a world to which the child has early contact, and as a means that provides them to enjoy the best phase of life as well as vital element the formation of citizens happy and aware of their roles in society.

Keywords: Childhood; Play; Joke; Emotional Development; ACP

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Engrenagem – ACP, Crianças e Brincadeiras.....	22
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACP Abordagem Centrada na Pessoa

FAEMA Faculdade de Educação e Meio Ambiente

ART. Artigo

APACP Associação Paulista da Abordagem Centrada na Pessoa

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
2. OBJETIVOS	19
2.1 OBJETIVO GERAL	19
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	19
3. METODOLOGIA	20
4. REVISÃO DE LITERATURA	22
4.1 CONCEITO DE INFÂNCIA NO PERCURSO HISTÓRICO DA HUMANIDADE: BREVES APONTAMENTOS.....	22
4.2 O ATO DE “BRINCAR” COMO RECURSO ESSENCIAL PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL.....	31
4.3 A BRINCADEIRA	38
4.4 BRINQUEDOS E JOGOS PARA A CRIANÇA	40
4.5 A BRINCADEIRA E O BRINCAR COMO FERRAMENTA NA CONSTRUÇÃO DA CRIATIVIDADE DA CRIANÇA	42
4.6 O PROCESSO CRIATIVO INFANTIL, O BRINCAR E A BRINCADEIRA COMO FERRAMENTAS POTENCIALIZADORAS: UMA OLHAR DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA	45
4.7 O BRINCAR E A IMPORTÂNCIA DO OLHAR DOS PAIS PARA A CRIANÇA ...	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
Referências	63
ANEXOS	68

INTRODUÇÃO

Por infância compreende-se a fase da formação da vida além do ventre materno até o início da adolescência, período esse que na contemporaneidade brasileira e em outros países é marcado por leis que resguardam os direitos e a proteção à infância, como importante momento para o desenvolvimento subjetivo que surte efeitos na vida social e escolar ao longo dos anos, influenciando ainda na personalidade e atitudes dos adultos que compartilham o meio geográfico, contudo, historicamente nem sempre foi assim.

Nota-se que desde a idade média, período compreendido entre o século XII até o século XVII, a infância era tida como algo insignificante, marcada pela desatenção que muitas famílias proporcionavam aos seus filhos, assim como uma época em que a palavra de autoridade do adulto calava as inquietudes que permeavam a vida das crianças. A partir do momento que elas podiam compreender a linguagem adulta, por volta dos sete anos de idade, eram então consideradas adultas em miniaturas e lhes era apresentado o mundo do trabalho, fato este que se acentuou durante o período de revoluções industriais e aprofundou as diferenças de classes sociais.

A escola era o lugar onde os valores eram transmitidos de maneira dura e intencional, preparando os seres humanos para reproduzir os “bons costumes” adotados pelo meio em que viviam, na época não era papel da escola produzir conhecimento a partir do pensamento crítico ou proporcionar qualquer nível de auto desenvolvimento partindo de suas afinidades, ainda que por volta do século XVIII alguns estudiosos, principalmente filósofos e psicólogos afirmaram que mudanças eram necessárias no modelo de ensino, na tentativa de proporcionar rupturas e quebra de paradigmas no sistema arcaico que ainda imperava na sociedade, visando a necessidade de formação plena do ser humano valorizando o período da infância, visto que até então este não era o objetivo e tampouco objeto de preocupação da maior parte da população das sociedades que perpetuavam a reprodução dos padrões aprendidos em gerações anteriores (MOSER; CHARLLES, 2018).

Como ferramenta de desenvolvimento subjetivo, o brincar é sem dúvida um meio pelo qual os seres humanos exploram uma variedade de experiências em diferentes situações, por propósitos diversos. Em 1959, a importância do brincar foi reconhecida mundialmente, conforme descrito no Princípio 7º da Declaração Universal dos Direitos da Criança, (1959 s/p.) cujo texto diz: “A criança terá ampla oportunidade para brincar e divertir-se, visando os propósitos mesmos da sua educação” a sociedade e as autoridades públicas empenharam-se em promover o gozo deste direito. As preocupações sobre a ação de brincar, como brincar, quando brincar e especialmente com que brinquedo, e instrumento que propicia a brincadeira, e com o que a criança brinca, nunca estiveram tão presentes no cotidiano dos pais e das pessoas que vivem ou trabalham com crianças (BRASIL, 1990).

Por infância pode-se compreender o período de nascimento da criança até o início da adolescência. De acordo com o Estatuto da Criança e Adolescente em seu Art. 2º “Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompleto e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade” (BRASIL, 1990). No qual o Art. 16 a referida lei defende a liberdade, entre outras ações, pelo direito de brincar o que demonstra a ligação da prática a infância. É uma das etapas mais importantes da vida humana, no qual a família, a escola, a sociedade e o governo devem cumprir papéis que lhe são de dever, na garantia de que as crianças desfrutem dessa fase da melhor maneira possível (BRASIL, 1990).

Conceitos e modelos sobre a infância vem sendo criados desde o século XII ao início do século XVII entretanto esta fase passa somente a ser alvo de estudos no século XX, quando filósofos e estudiosos analisam o processo de construção subjetiva ao qual a criança está inserida, e defendem que em todos os contextos, seja no ramo social, educacional e emocional, por exemplo, as condições em que a criança é submetida refletirão positivamente ou negativamente em todas as fases do desenvolvimento humano, desde a infância a fase adulta. Da idade média até a contemporaneidade, a concepção acerca da infância passou por alguns processos de mudanças, que permite afirmar que há todo um processo histórico no qual a infância passa a ser valorizada (MOSER; CHARLLES, 2018).

Analisando a importância do brincar no desenvolvimento infantil como meio facilitador da expressão da criança, depara-se com a contribuição da abordagem

Centrada na Pessoa - ACP, tal abordagem traz como proposta um estudo sobre o papel do brincar para o desenvolvimento infantil onde faz-se pertinente compreender a infância, o brincar, a brincadeira, os brinquedos e jogos e a criatividade para a criança, na abordagem Humanista o potencial criador, é uma via legítima e vital para autorrealização do indivíduo, a posição essencialista desta abordagem evidencia-se sobretudo ao definir a autorrealização como “a tendência de realizar a si próprio, para se tornar no que em si é potencial” (ROGERS, 1978, p. 302).

Esta tendência encontra-se presente em todos os indivíduos, aguardando, de modo latente as condições que lhe seriam propícias para libertar-se e manifestar-se. Sendo assim, a criatividade seria para o autor, “a tendência para exprimir e ativar todas as capacidades do organismo, na medida em que essa ativação reforça o organismo ou o eu” (ROGERS, 1985, p. 18). Pela perspectiva humanista o processo criativo apresenta-se com o nascimento de um novo produto relacional, que surge a partir da condição de singularidade de indivíduo e seus objetos, acontecimentos ou circunstâncias de sua vida.

Compreende-se então que o brincar tem como uma de suas funções a quebra de barreiras, tem o poder de mostrar potencialidades, as visões de mundo e o que a criança pensa de sua realidade. As brincadeiras, sempre fizeram parte da cultura na infância, porém esse aspecto vem ficando cada dia mais distante da realidade de nossas crianças, onde escolas de educação infantil ditam conteúdos extremamente pesados ao desenvolvimento infantil, visando apenas à formação escolar da criança e onde pais colocam cargas e responsabilidades sobre seus filhos quase sempre incompatíveis com sua condição de criança, tudo isso com intuito de planejar e prepara-la para a vida adulta e para o futuro mercado de trabalho, onde crianças se tornaram vítimas das transformações econômicas, sociais, emocionais e familiares tornando-se adultos em miniatura (MELO, 2019).

No meio contemporâneo e tecnológico a maioria dos pais também desconhecem o crescimento no brincar e nas brincadeiras, principalmente nos dias atuais onde o cotidiano faz abandonar velhos costumes e estes não dispõem mais de tempo para brincar com seus filhos, sendo então, uma tarefa a ser planejada e organizada pela escola, visto que esta pode oferecer espaços adequados e momentos lúdicos, considerando a atualidade onde a escola representa um ambiente seguro onde as crianças podem brincar a vontade (MELO, 2019).

Compreende-se que um dos grandes problemas é fruto de muitas preocupações é o contato cada vez mais cedo de crianças com os instrumentos tecnológicos e com os meios de comunicação. Pode-se afirmar que de certa maneira tais condutas são influenciadas pelos próprios pais, que durante seu cotidiano permitem que as crianças passem grande parte do seu tempo em contato com os aparelhos eletrônicos, e que facilmente acabam tomando o lugar de brincadeiras saudáveis, uma vez que o contato com internet e desenhos infantis acelera o processo de personificação dos indivíduos como crianças (MELO, 2019). Sendo assim, esta pesquisa busca responder algumas inquietudes que surgiram no decorrer da vivência acadêmica, a respeito de como se dá a valorização do brincar por pais e responsáveis que estão presentes na dinâmica de construção da subjetividade da criança? Porque brincar? E como o brincar facilita a expressão da criança? De que modo o brincar ou as brincadeiras auxiliam no desenvolvimento subjetivo da criança? como os pais contemporâneos estão em sua maioria lidando com as ferramentas tecnológicas e que influenciam na formação da criança e como deveriam lidar com essa fase do desenvolvimento humano, levando em consideração que nenhum instrumento tecnológico substitui o afeto humano? Assim a pesquisa tem como objetivo abordar a partir de estudos a importância de se dar uma atenção devida ao mundo infantil, que vem sendo construído no decorrer dos anos.

Percebe-se que nenhum instrumento tecnológico substitui a importância e os benefícios das brincadeiras na vida e formação da criança, não devemos levar em consideração somente as brincadeiras, mas sim a importância do contato humano entre a família, entre as pessoas do convívio da criança. É um momento que deveria ser levado a sério diante dos benefícios que proporciona ao indivíduo em fase de construção de sua personalidade. Brincar deve ser entendido com seriedade e não como perda de tempo por parte do adulto em relação à criança. É um momento de firmar as relações intrafamiliares e extrafamiliares. E para isso faz-se necessário compreender a historicidade da infância no percurso da humanidade, a importância do brincar no desenvolvimento infantil, processo criativo no ato de brincar, compreensão, valorização e conhecimento das brincadeiras como recursos necessários ao desenvolvimento criativos dos filhos.

Espera-se com a pesquisa explicar o quão é importante interagir no mundo da ludicidade, junto com a criança. Perante as várias leituras realizadas foi possível

perceber a necessidade de se discutir não só sobre o desenvolvimento emocional, mas também sobre a aprendizagem na infância relacionada à atividade lúdica, por exemplo, a brincadeira.

Compreende-se que o brincar é uma prática necessária na fase de vida da infância de toda criança, porque é fundamental para o desenvolvimento humano neste período, pois essa atividade, ao contrário da concepção de alguns adultos, é altamente séria e de profunda significação para a criança, uma vez que são seres que pensam e sentem o mundo de um jeito próprio. Assim com o estudo a ser feito percebe-se que os responsáveis estão perdendo a forma de como lidar com o mundo infantil de uma criança, fazendo com que percam sua originalidade através de tanta informação que lhes são dadas, sendo assim, considera-se além da importância de se realizar estudos, é relevante levar ao conhecimento da população, para que os pais e futuros pais saibam da real importância da ludicidade para o desenvolvimento das crianças.

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

- Analisar a importância do brincar no desenvolvimento infantil como meio facilitador da expressão da criança, tendo o olhar da abordagem Centrada na Pessoa - ACP.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Retratar a historicidade do conceito de infância no percurso da humanidade;
- Compreender a importância do brincar para o desenvolvimento infantil e para o processo criativo;
- Verificar a partir de revisão bibliográfica a compreensão dos pais e/ou responsáveis sobre a valorização e conhecimento das brincadeiras como recursos necessários ao desenvolvimento criativo na infância.

3. METODOLOGIA

Esta pesquisa foi realizada por meio de revisão bibliográfica, cujo objetivo central foi analisar a importância do brincar no desenvolvimento infantil como meio facilitador da expressão da criança: uma contribuição da abordagem Centrada na Pessoa - ACP. Através deste delineamento buscou-se obras que pudessem contribuir para tal análise. Neste contexto, a pesquisa bibliográfica foi realizada através de leitura de artigos e livros. As buscas feitas no portal BVS, Google Acadêmico, Scielo, Pepsic, Spell pesquisas e na biblioteca virtual de DeCS que foram de suma importância para a concretização da mesma.

Para tanto foram utilizados quatro descritores centrais, no qual os materiais puderam ser acessados, sendo eles Infância, Brincar, Brincadeira e ACP. Diante de todas as potencialidades de materiais disponíveis foram utilizadas 76 obras que abrangem os temas discutidos nesta revisão, obtidos por meio de livros, artigos, reportagens, e entre outros, para a execução desta pesquisa. As demais obras que não abarcavam os objetivos da pesquisa foram descartadas.

Para Lakatos e Marconi (2003) a bibliografia é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, sendo assim a pesquisa bibliográfica é considerada como o levantamento de contribuições culturais ou científicas realizadas no passado sobre um determinado assunto, tema ou problema que possa ser estudado. Dito isto, a pesquisa bibliográfica abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema estudado, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, materiais cartográficos entre outros, e sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre o assunto.

Deste modo, todo trabalho científico, e toda pesquisa, deve ter o apoio e o embasamento na pesquisa bibliográfica, para que não se desperdice tempo com um problema que já foi solucionado e possa chegar a conclusões inovadoras (LAKATOS; MARCONI 2003).

Para melhor compreensão sobre infância, destaca-se a obra de Moser e Charles (2018) na qual, apresentam um levantamento sobre como a infância era

vista e compreendida nos séculos passados, inclui-se uma revisão acerca da cartilha do estatuto da criança e do adolescente para falar sobre como a infância é vista perante a lei no Brasil dos dias atuais. Utilizando um viés da Abordagem Centrada na Pessoa alicerçado na obra de ROGERS, C. R. é possível ilustrar a forma como é observado e compreendido o indivíduo dentro de suas particularidades, a obra de Axline por sua vez apresenta a base teórico-prática em ludoterapia e a psicoterapia não-diretiva Rogeriana.

4. REVISÃO DE LITERATURA

4.1 CONCEITO DE INFÂNCIA NO PERCURSO HISTÓRICO DA HUMANIDADE: BREVES APONTAMENTOS

A palavra infância tem origem latina e, desde os seus primórdios, foi associada a uma falta, a uma ausência, a uma incapacidade: *infans* do latim, designava aqueles que “não falavam”, ou melhor, aqueles que não conseguiam fazer valer a própria palavra. O fato de a etimologia da infância partir de uma exclusão remonta, pelo menos, ao período clássico grego. Com o passar dos anos até os dias atuais, a necessidade de mudar a percepção da infância associada à sua própria insignificância não tem sido fácil, se faz urgente que esta fase passe a ser percebida como presença e não como ausência, como afirmação e não como negação, como força e não como incapacidade (KOHAN in GOUVEA e SARMENTO, 2008, p. 41). Essa mudança de percepção pretende trazer outras mudanças em sua capacidade, especialmente nos espaços destinados à infância, o que inclui pensamentos e instituições para ela voltada, com o efeito e principalmente depois do século XIX, uma série de disciplinas tem se ocupado de elaborar saberes sobre a infância, o que não passa de uma tentativa de dar conta de sua expressividade (MICELI 2010).

De acordo com Larrosa e Lara (1998^a) a infância não é algo tão simples quanto parece, é algo considerado indecifrável, e enigmático, é a fase da vida onde somos crianças e por onde iniciamos o aprendizado e descobertas, segundo o autor a infância se revela algo mais complexo, e talvez por isso vários pensadores desde a antiguidade vêm tentando entender e compreender o ser infante. Percebe-se então a carência de se explicar, nomear e intervir nesta fase da vida, pois ao compreender o que se vive na infância é possível articular uma comunicação adequada capaz de se fazer entender e de entendê-las mutuamente, porém a infância acaba por revidar ao conhecimento que o adulto tem acerca do tema, visto que está muito além de qualquer captura, ela inquieta nossos saberes, questiona o poder das práticas existentes e instiga e fascina a cada dia mais aos estudiosos do

assunto, como resultado, várias concepções de infância foram surgindo no decorrer de vários estudos.

Ghiraldelli (2002, p.46) faz referência a duas concepções de infância, a da criança caracterizada como inocente, partindo da teoria “rousseauísta” seria a criança imersa na inocência e na pureza. E a da infância como sendo um período com uma série de características, mas nunca de inocência e bondade como essenciais. Assim no início dos anos 60 temos a obra do historiador Philippe Ariès, História social da infância e da família, que traça uma evolução histórica das concepções de infância a partir das formas de falar e sentir dos adultos em relação ao que fazer com as crianças, sentimento de família, infância, sentimento de classes, dentre outros, surgem como as manifestações da intolerância diante da diversidade, existindo uma preocupação de uniformidade. Para Ariès (1981) houve um período da história em que não havia sentimentos pela infância. Percebe-se então de acordo com Damazio (1991) que a criança passa por limitações impostas pelos adultos que as impedem de ser o que realmente são, o autor acrescenta que quando não há infância é como se a criança tivesse se perdido no meio de sua construção subjetiva, diz que a criança precisa ser respeitada e esse respeito pela criança começa quando reconhecemos sua autonomia que se traduz em: “apreender o mundo, sentir seus limites, seus potenciais, seus desejos e fantasias. Nós só podemos reconhecer essa autonomia se tentarmos entender como funciona esse sujeito chamado (por nós) de criança” (p.9). Percebe-se que é preciso acabar com a visão que as pessoas têm de a criança ser um ser indefeso e dependente, pelo contrário, é um indivíduo em desenvolvimento que precisa ter experiências para constituir-se enquanto sujeito, sendo assim, a criança não é melhor ou pior que o adulto, ela é diferente porque pensa e sente diferente.

Contudo é visível segundo o autor que toda a prática sobre a infância, vai no sentido de transformar a criança no adulto e, pior, no adulto que já somos, que idealizamos e que desejamos, querendo ajusta-la aos nossos planos e anseios, sob nossa ótica e aspirações, segundo nossos próprios objetivos, sendo que toda criança, traz em potencial uma rica gama de possibilidades renovadoras, ainda que a sociedade atue predominantemente com padrões de repetição, ou seja, a singularidade que sempre aparece, e com isso por essas mudanças a humanidade sai das cavernas (DAMAZIO, 1991).

A criança é uma pessoa preenchida de sensações e conhecimentos, seu aprendizado é a marca do seu estar no mundo. O grande equívoco está no adulto que vê a criança como sua miniatura. Na criança a experiência e a expressão são os brinquedos, a invenção é o prazer, viver significa descobrir, abrir portas, ir além do espelho. A linguagem e a vida se mesclam numa relação vital e completa. (DAMAZIO, 1991).

Para Arroyo (1994), a infância são várias, variam de criança para criança, é observável que a infância no campo não é como na cidade, a infância no campo é mais curta, já na cidade pode ser desfrutada por mais tempo visto que culturalmente não é preciso sair cedo de casa para ajudar o pai no trabalho. Da mesma maneira que as vivências da criança de favela não serão iguais as de uma criança que mora em um condomínio fechado, elas não deixam de ser crianças, mas viverão a infância de formas diferentes, uma poderá ser livre e trará o sustento da casa desde cedo, a outra não precisará trabalhar tão cedo, poderá ter uma infância mais longa, mas será privada da liberdade que a criança da favela desfruta. Sendo assim a concepção de aprendizagem é entendida como um processo social em que a atividade humana é mediadora das relações do homem com os outros homens e com a natureza, dito isto dentro desta perspectiva, o desenvolvimento das funções mentais superiores na criança se dá a partir da interação social, nas ações partilhadas com o outro (plano interpessoal), para o individual (plano intrapsíquico), processo que Vygotsky chamou de “processo de internalização” (CERISARA 2000).

Partindo de um apanhado histórico, a “descoberta” da infância teria ocorrido pelos séculos XV, XVI e XVII, quando então se reconheceria que as crianças precisavam de tratamento especial, “uma espécie de quarentena”, período reconhecido como o anterior ao período em que poderiam então integrar o mundo dos adultos (HEYWOOD, 2004, p.23). Percebe-se que no fim do Século XVI e início do século XVII moralistas e educadores passam a estudar as questões psicológicas envolta as crianças e decorrente do processo formativo ao qual, grande maioria é submetida. As mudanças na concepção do ser humano foram positivas, entretanto apontavam para uma situação diferente do que consideram ser ideal. Entretanto alguns autores defendem esse período no qual estudos acerca do desenvolvimento infantil eram realizados como uma maneira de adentrar a mentalidade infantil, o que

pode ser considerado uma invasão ao corpo humano, na tentativa de adaptar e aplicar os níveis de educação moral e religiosa aos mesmos.

“O primeiro sentimento da infância – caracterizado pela ‘papuricação’ – surgiu no meio familiar, na companhia das criancinhas pequenas. O segundo ao contrário, proveio de uma fonte exterior a família: dos eclesiásticos ou dos homens da lei, raros até o século XVI, e de um maior número de moralistas no século XVII, preocupados com a disciplina e a racionalidade dos costumes” (ARIÈS, 1981, p. 13).

Segundo Ariès (1978) o sentimento, a ideia e a representação de infância são fenômenos psicossociais que surgiram na civilização, muito vagarosamente e ligados a vários e surpreendentes motivos. O autor indica que a aparição da criança como uma categoria social se dá lentamente entre os séculos XVII e XVIII, observa-se a partir do estudo metafísico e religioso presentes na iconografia¹ medieval, que criança era representada de maneira religiosa, ou seja havia uma doutrina cristã a ser seguida, para representar anjos e o menino Jesus: depois da infância de Maria e outros santos, por volta dos séculos XV e XVI as crianças aparecem em retratos reais que são encontrados, inicialmente nas efíges² funerárias, a imagem da criança morta terá uma grande contribuição para o despertar do sentimento de piedade onde se tornará algo real fora do imaginário percebendo um ser frágil e não só na esfera artística, mas real. E somente no século XVII aparecem os retratos de crianças vivas, percebe-se que somente a partir deste século surge o interesse específico pela criança, antes disso parece que representação que se fazia da infância estava ligada à vida do grupo como um todo que mal podia ser separado do conjunto de suas representações daquele tempo, percebe-se isso quando vemos a criança

¹ **Iconografia:** É o estudo descritivo da representação visual de símbolos e imagens, sem levar em conta o valor estético que possam ter, Iconografia é um substantivo feminino da língua portuguesa e define o estudo dos assuntos representados por imagens artísticas, obras de arte, relacionando com as suas fontes e significados. Até o século XVI, a iconografia se referia apenas a trabalhos imagéticos ligados à religião ou inseridos em um contexto religioso.

² **Efíges:** É a representação plástica da imagem de um personagem real ou simbólico retrato, imagem, figura de um indivíduo. Uma forma de representação da efígie é a estátua jacente em pedra de corpo inteiro de uma pessoa já falecida, visto em monumentos fúnebres em igrejas a partir da Idade Média. Estas figuras frequentemente aparecem com mãos justas postas, em modo de oração, podendo ser encontradas também deitadas, orando ajoelhadas ou até mesmo de pé também é usado para se referir a um busto, tal como os encontrados em papel-moeda e moedas, representando monarcas, políticos e outras personagens históricas importantes.

representada iconograficamente ligada, confusa e miticamente, à simbolização da estrutura do mundo, da santidade, da morte e do tempo, dificilmente se encontra referência de infância antes do século XVII.

Percebe-se então que até o fim do século XVII não existem crianças caracterizadas por sua expressão particular, sendo retratadas então como homens de tamanho reduzido, a partir século XVIII ensinava-se à criança modos de pensar e sentimentos anteriores à razão e aos bons costumes, cabia aos adultos desenvolver nelas o caráter e a razão. No lugar de procurar entender e aceitar as diferenças e semelhanças das crianças, a originalidade de seu pensamento, atribuía a elas a ideia de serem páginas em branco a serem preenchidas, e estarem um dia preparadas para a vida adulta (ARIÈS, 1981). No último período que marca a idade moderna (1453 - 1789) houve algumas mudanças nas relações estabelecidas entre as famílias em relação às crianças. A partir do século XVIII, as crianças começaram a ser reconhecida em suas particularidades, obtendo o seu próprio quarto, alimentação considerada adequada, ocupando um espaço maior no meio social. Nascia a concepção de infância (PORTAL EDUCAÇÃO, 2019). Neste sentido autores como Moser e Charles (2018) indicam que conceitos e modelos vem sendo criados desde o século XII até o início do XVII sobre a infância, esta fase passa somente a ser alvo de estudos no século XX quando filósofos e estudiosos analisam o processo de construção subjetiva ao qual a criança está inserida, e defendem que em todos os contextos, seja no ramo social, educacional e emocional, por exemplo, as condições em que a criança é submetida refletirão positivamente ou negativamente em todas as fases do desenvolvimento humano, desde a infância a fase adulta. Da idade média a contemporaneidade, a concepção acerca da infância passou por alguns processos de transformações, que nos permite afirmar que há todo um processo histórico no qual a infância passa a ser valorizada. Estes estudos influenciaram inclusive em questões básicas como higiene e alimentação que devido à ausência, constituiu de motivo de falecimento de crianças, e que aos poucos com o passar do tempo, foram ganhando contribuições de estudiosos que apontavam à necessidade de um olhar mais atento a criança, fazendo assim com que as crianças deixassem de ser misturadas aos adultos. Conforme Caldeira (2010) essa quarentena foi a escola, que substituiu a aprendizagem como meio de comunicação, que traz então um sentimento inteiramente novo onde os pais se interessavam pelos

estudos dos seus filhos e os acompanhavam com solicitude habitual nos séculos XIX e XX, mas outrora desconhecida. A família começou a se organizar em torno da criança e a lhe dar uma tal importância que a criança saiu de seu antigo anonimato, que se tornou impossível perder ou substituir a mesma, sem uma enorme dor, que ela não pôde mais ser reproduzida muitas vezes, e que se tornou necessário limitar seu número para melhor cuidar dela (ÁRIES, 1981).

Ao longo do século XX, a infância foi primordialmente usada como tema de estudos singulares, sobretudo no campo da Psicologia, em vez de ser situada num conjunto de produções. Essa ausência de articulação entre os saberes produzidos pelas ciências humanas e sociais redundou na análise e na classificação excessiva das crianças sob o aspecto biopsicológico, o qual, em larga medida, negligenciou suas relações com a Sociologia, a Antropologia, a História e com o Direito. É recente a concepção de que as crianças são atores sociais que possuem e produzem cultura e, como tais, estão no início de sua formação biopsicossocial. Se a infância é uma construção histórica, é preciso que assim seja reconhecida para que se entenda por que assume tantos significados diferentes ao longo dos tempos (ARIÈS, 1978).

Como construção de infância é importante que se frise o percurso histórico a ser considerado, permeado pelas mais variadas produções de significado. Assim, nos diferentes significados que possui este termo, pode-se encontrar refletido o imaginário social de uma certa época e de um espaço determinado. Por ser uma construção histórica, a infância é um discurso produzido a partir da interação de condições temporais e espaciais específicas e, por isso, não pode ser naturalizada justamente porque não é composta apenas por dados biológicos, mas por verdadeiras sínteses históricas construídas por coletivos sociais dos mais diversos (MICELI, 2010). Percebe-se que este despertar seria os primeiros passos de uma sociedade que estaria caminhando para se tornar tutora de uma criança que agora é percebida como frágil, pois seus valores estariam relacionados com sua evolução intelectual, a própria arte que revelou uma infância mística, traz no decorrer dos séculos uma infância real, despertando as sociedades para o ser infante (ARIÈS 1981). A mudança de paradigma no que se refere ao conceito de infância está diretamente ligada com o fato de que as crianças eram consideradas adultos imperfeitos. Sendo assim, essa etapa da vida provavelmente seria de pouco interesse. “Somente em épocas comparativamente recentes veio a surgir um

sentimento de que as crianças são especiais e diferentes, e, portanto, dignas de ser estudadas por si sós” (HEYWOOD, 2004).

Nota-se em relação aos adultos que lidavam com as crianças, que não era lhes exigida nenhuma preparação, tal atendimento contava com as chamadas criadeiras, amas de leite ou mães mercenárias. Contudo, um sentimento superficial da criança era reservado à criancinha somente em seus primeiros anos de vida, enquanto ela ainda era uma coisinha engraçadinha. As pessoas se divertiam com a criança pequena como se fosse um animal filhote, um macaquinho impudico. Se ela morresse então, como muitas vezes acontecia, alguns podiam ficar enlutados, mas a regra geral era não fazer muito caso, pois outra criança logo a substituiria, a criança não chegava a sair de uma espécie de anonimato (ÁRIES, 1981). Vale ressaltar também que o tratamento dado a uma criança do sexo masculino era na maioria das vezes, diferente do tratamento recebido por uma criança do sexo feminino, a explicação era de que “as meninas costumavam ser consideradas como o produto de relações sexuais corrompidas pela enfermidade, libertinagem ou a desobediência a uma proibição” (HEYWOOD, 2004, p.76).

Pode-se assim, compreender como era a celebração do nascimento de uma criança, e que se diferenciava de acordo com o sexo da mesma, como exemplo utiliza-se a Bretanha cidade da França que a partir do século XIX, onde a chegada de uma criança do sexo masculino era saudada com três badaladas de um grande sino, enquanto a chegada de uma criança do sexo feminino era saudada com apenas duas badaladas e de um sino pequeno (HEYWOOD, 2004). Essa mudança de padrão no que se refere o conceito da infância, e seu sentimento sobre ela, está diretamente ligada ao fato de que as crianças eram consideradas adultos imperfeitos, sendo assim, essa etapa da vida provavelmente seria de pouco interesse. “Somente em épocas comparativamente recentes veio a surgir um sentimento de que as crianças são especiais e diferentes, e, portanto, dignas de ser estudadas por si sós” (HEYWOOD, 2004, p.10), compreende-se então a maneira como a infância é vista atualmente é consequência das constantes transformações pelas quais passamos, e que é de extrema importância ter-se um olhar compreensivo diante destas transformações e assim compreender a dimensão que a infância ocupa atualmente. “Este percurso (esta história), por outro lado, só foi possível porque também se modificaram na sociedade as maneiras de se pensar o

que é ser criança e a importância que foi dada ao momento específico da infância” (BUJES, 2001, p.13).

Segundo Oliveira (2019, p. 1) “(...) na idade média, o comportamento era caracterizado pela infantilidade entre todas as idades. Nesse período, a infância durava até os sete anos de idade, pois a partir daí a criança passa a compreender o que os adultos dizem”. Importante mencionar que o autor está se referindo ao período entre os anos de 476-1453, essa concepção é talvez a principal explicação sobre a maneira como as crianças eram conceituadas a partir dessa idade. Elas passavam a realizar as mesmas atividades que os adultos, aprendiam as tarefas que seus pais, tios e avós faziam diariamente, e essa passava a ocupar o tempo que deveria ser destinado ao ato de descobertas do mundo através das brincadeiras.

“A criança era, portanto, diferente do homem, mas apenas no tamanho e na força, enquanto as outras características permaneciam iguais. Seria então interessante comparar a criança ao anão (...). A criança é um anão, mas um anão seguro de que não permanecerá anão, salvo em caso de feitiçaria” (ARIÉS, 1981, p. 13).

Em alguns casos a criança pouco convivia com sua família sanguínea durante a fase da infância, o que abria espaço para as relações sociais além do grupo familiar (PORTAL DA EDUCAÇÃO, 2019). Dias e Signates (2010, p. 1) afirmam ainda que “(...) o sentimento de infância que se conhece hoje, não existia, a criança não era vista como um ser constituído de particularidades que as diferenciavam do adulto”. A fase da infância era automaticamente adiantada à fase adulta, as responsabilidades de adultos no qual a criança era tida apenas como um ser de deveres.

Entretanto enquanto para algumas crianças a infância passa a ser marcada como um período de brincadeiras, nos modos de vestir e até na educação, para outras, continua a ser a fase de privação de todos esses elementos. Há a divisão das classes sociais no qual as crianças se inserem, que se aprofundou ainda mais no período do desenvolvimento do capitalismo no qual, crianças provenientes de famílias pobres, passaram a ser importantes como mão de obra de trabalho nas fábricas. Além disso, os valores ensinados e as oportunidades proporcionadas ou não, contribuíam para aumentar as desigualdades existentes na sociedade (AIRÉS, 1978).

O filósofo francês Jean-Jacques Rousseau em sua obra *Emílio* (1972) discorre sobre a maneira como as crianças eram tratadas e as consequências disso ao desenvolvimento subjetivo do ser. Moser e Charlles (2018) afirmam que o nome da obra é resultante de um personagem fictício criado pelo autor, no qual ele é o professor e ensina como o homem de zero a vinte e cinco anos de idade deve ser educado. Entretanto, o autor vai muito além disso, considerando as crianças como, “(...) Um ser superior ao adulto porque possui uma inocência infantil e natural e tem em si a condição original de existência humana que não se encontra no adulto” (MOSER; CHARLLES, 2018, p. 236), no qual entre as principais atividades devem ser as brincadeiras, que contribuem para o desenvolvimento emocional e cognitivo, que a criança conhece a si mesma e o mundo que a cerca.

Diante de todas as situações que envolviam a fase da infância e as discordâncias relativas ao tratamento dispensado às crianças Rousseau (1979) afirmava a necessidade de homens serem mais humanos e enxergar na criança aquilo que um dia ele já foi. Na realidade, o autor apontava para a necessidade do sentimento de humanismo como um primeiro dever de todos os seres humanos, que a partir de então não seria necessário apelo para que o respeito ao outro fosse feito. Ainda de acordo com o Rousseau (1979),

“Amai a infância; favorecei seus jogos, seus prazeres, seu amável instinto. Quem de vós não se sentiu saudoso, às vezes, dessa idade em que o riso está sempre nos lábios e a alma sempre em paz? Por que arrancar desses pequenos inocentes o gozo de um tempo tão curto que lhes escapa, de um bem tão precioso de que não podem abusar? Por que encher de amarguras e de dores esses primeiros anos tão rápidos, que não voltarão nem para vós nem para eles? Pais, sabeis a que momento a morte espera vossos filhos? Por que encher de amarguras e de dores esses instantes que a natureza lhes dá; desde o momento em que possam sentir o prazer de serem, fazei com que dele gozem; fazei com que, a qualquer hora que Deus as chame, não morram sem ter gozado a vida” (ROUSSEAU, 1979, p. 49). .

De acordo com Rodrigues (2010, p. 17) “Os termos criança, infância e brinquedo são construções sociais. Tais construções sociais são representações criadas pela sociedade para identificar coisas ou objetos”. O brincar é característico do ser humano, que desde cedo, a partir de pequenas coisas cria em sua imaginação personagens e fantasias que colaboram para novas formas de ver o mundo, os objetos, as pessoas e as relações sociais (VYGOTSKY, 2007), nesse

sentido, é de suma importância que os benefícios das atividades que envolvam as crianças e o ato de brincar sejam objetos de estudos.

No Brasil a noção de criança, quanto sua infância, fragilidade e ingenuidade são percebidas pelos higienistas³ que, no final do século XIX constituíram uma ordem médica, estes trouxeram um novo conceito de infância, e a partir da preservação da saúde destas crianças buscaram identificar a origem deste problema ao verificarem um sistema familiar herdado da colônia, montado para satisfazer as exigências da propriedade e as necessidades dos adultos. Às crianças tratadas como apêndice deste sistema, restavam-lhes as sobras do banquete. Foi contra esta situação que empenharam seu trabalho de higienização da família e depararam com o pai de que era o pivô e fulcro de toda esta forma organizacional (MOSER; CHARLLES, 2018).

Assim no Brasil, o termo infância pode ser compreendido como período do nascimento da criança até o início da adolescência. De acordo com o Estatuto da Criança e Adolescente em seu Art. 2º “Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompleto e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade” (BRASIL, 1990) no qual o Art. 16 a referida lei defende a liberdade, entre outras ações, pelo direito de brincar o que demonstra a indissociabilidade da prática a infância. É uma das etapas mais importantes da vida humana, no qual a família, a escola, a sociedade e o governo devem cumprir papéis que lhe são de dever, na garantia de que as crianças desfrutem dessa fase da melhor maneira possível.

4.2 O ATO DE “BRINCAR” COMO RECURSO ESSENCIAL PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Higienistas³ O **higienismo** é uma doutrina que nasce com o liberalismo, na primeira metade do século XIX quando os governantes começam a dar maior atenção à saúde dos habitantes das cidades. Indivíduo que se especializou em higiene, é uma parte da medicina que busca resguardar a saúde, criando medidas para a prevenção de doenças; sanitarista

Higienista é sinônimo de: sanitarista

De acordo com Virginia Axline (1984), o ato de brincar, o jogo ou "faz de conta", ajuda a criança a compreender o mundo e si mesma. Através dele a criança ensaia compreensões, colocando na prática o que se passa internamente com ela, o que percebe o que sente e o que pensa; é uma via de elaborações, e assim irá se desenvolver de acordo com suas experiências e vivências diante do brincar, o ato de brincar é a linguagem típica da criança, é a sua fala. O brincar implica em movimento constante onde o presente e o futuro estão sempre interligados no jeito de ser de cada criança. Pode-se conceber o brincar tendo a função de símbolo, cuja interação com o que concretamente se passa com a criança, propicia a formação de novos significados e novas conceitualizações a respeito de si mesma; e assim, a oportunidade de ir adiante em sua experiência colocando um movimento interior.

O brincar para Axline (1984) é uma manifestação de forma predominantemente concreta, do pensar da criança que ainda não é simbólico, em nível de abstrações. É assim que ela pensa, e avança na consciência de si. Para Melo (2019), ao brincar as crianças expõem-se verdadeiramente, para elas esses são momentos seus, onde possuem a liberdade para se expressar, e não precisam esconder-se, pois aos olhos externos elas estão apenas brincando, porém, para si elas estão vivenciando experiências muito importantes, onde o brinquedo torna-se o seu "instrumento de trabalho", e neste brincar tudo é permitido com limites, a liberdade faz com que a criança vivencie sem medo o seu verdadeiro modo de ser, e assim seus sentimentos afloram e são vividos com toda intensidade e é imprescindível que haja a valorização da liberdade ao brincar. Segundo os autores Rogers & Kinget (1977, p. 46), a liberdade que se trata aqui é de outra ordem, relaciona-se essencialmente com a experiência, isto é, com os fenômenos internos, consiste no fato de que o indivíduo se sente livre para reconhecer e elaborar suas experiências e sentimentos pessoais como ele o entende.

Compreende-se então que brincar é a ação que a criança exerce quando está no processo de autoconhecimento, e de conhecimento de tudo o que a rodeia, visto que a ação é uma necessidade da criança, e é visível desde muito cedo quando a criança interage com o seu próprio corpo, com os outros com os brinquedos. O brincar pode ser compreendido como um caminho para a socialização das crianças no mundo no qual adultos também fazem parte, sendo

uma preparação gradativa para que um dia elas também incorporem a vida adulta atendendo aos papéis sociais (FERREIRA, 2004, p. 198).

Dito isto o brincar é uma atividade onde as crianças se expressam de modo a refletirem as suas relações sociais, dando a conhecer o seu papel social na interação com os outros agentes. Assim, a criança pode interpretar e transformar a sua ação social dependendo do contexto em que ela está inserida; uma vez que os contextos podem condicionar a ação da criança, percebemos então que o brincar é responsável por contribuir com o desenvolvimento emocional, social e cognitivo da criança, pois o brincar é a atividade principal da criança, pois permite tomar decisões; expressar sentimentos e valores; partilhar brincadeiras com os outros; expressar-se individual ou coletivamente; explorar o mundo com diversos objetos, pessoas e elementos da natureza; usam o corpo, os seus sentidos através de movimentos; seleciona problemas e soluciona-os. (CRESPO, 2016)

De acordo com Heydebrand (1977) o ato de brincar é tão importante para o desenvolvimento da criança que nenhum educador deveria admitir que uma criança não brincasse ou só fizesse em escala reduzida, a vontade da criança é a ferramenta que leva a decidir se age ou não, escolhendo e selecionando o seu agir de acordo com seus anseios, é uma “vontade” cheia de emoções, é sempre um sentir, vivencia, claramente as forças do porvir, é um sentir abrangente, por ter a fantasia ainda o que quer fazer, o estado natural da criança é aquele que nos adultos, constitui a exceção. A criança brinca não para atingir fins utilitários, mas para manifestar a sua própria dinâmica e a sua incrível capacidade de, através de sua sensibilidade, se imantar à tudo que a rodeia, e com isso fecundar sua imaginação e vitalizar a sua capacidade de estar ligada a fontes de vida, seria como uma vivificação da sua capacidade inata para se manter e preservar viva e preservar-se na vida, as crianças conseguem expressar com mais pureza e simplicidade do que os adultos, esta incrível sabedoria a autora chama de “fecundar e vitalizar a própria capacidade de estar vinculados a fontes de vida.

Percebe-se então que o ato de brincar se torna uma atividade que a criança cria e desenvolve não apenas com brinquedos, mas com qualquer objeto que deseje que funcione como brinquedo, nas brincadeiras projeta-se sentimentos, pensamentos, e suas percepções, para manifestar e expressar as suas projeções a criança cria ações motoras, dirigidas para o objeto, dando-lhe movimento, ou seja,

vida ao dar vigor ao objeto animado ela o anima com a vida de seus sentimentos, praticando afirmando, e fortalecendo a sua própria capacidade de oferecer vida ao objeto, de conferir a alma e essência a objetos e fatos, assim agindo em suas brincadeiras, ao perceber a confirmação de seu potencial criativo e vivificador ela conhece e reconhece seus recursos internos, se revigora seja em qualquer função (HEYDEBRAND, 1977).

Para Heydebrand (1977), quando a criança cria ações dirigidas a brinquedos ela busca o prazer de brincar, conhecendo através do brincar, as suas reais possibilidades para concretizar com os objetos que estão no mundo aquilo que ela imaginou. Ao observar as consequências das suas ações lúdicas ela sustenta o planejamento de como prosseguir na brincadeira, alimentada pela realidade criada pelo seu agir, trazendo como foi criado no plano imaterial das ideais e dos sentimentos, para concretização e realidade física. Ao reconhecer e afirmar esses recursos, a criança vai adquirindo discernimento daquilo que pode e não pode realizar, desenvolvendo noções de limites e possibilidades quanto a diversidade das maneiras que pode configurar e reconfigurar suas ações, sempre dentro de suas possibilidades reais e de cada momento. Com isso poderá reorganizar e dar significado mais construtivo para a sua maneira de se relacionar consigo própria e com o mundo externo, aumentando suas chances de dirigir e orientar seu agir para ser bem sucedida e competente para realizar e realizar-se, aumentando a chance de se sentir mais adequada, mais aceita, melhor compreendida, mais amada e feliz, dito esta pode-se perceber a total significância do brincar para as fases de desenvolvimento da criança e primordialmente no emocional.

Melo (2019) indica que o nascimento das primeiras reflexões em torno da importância do brincar educativo tem origem na antiguidade greco-romana, trazendo Platão e Aristóteles, onde surge ligada a ideia de relaxamento, necessário a atividades que exigem esforço físico e intelectual. Por um lado, Platão apontava a importância de se aprender brincando em oposição à violência e a opressão, Aristóteles sugeria que a criança aprendia brincando com os jogos que imitavam atividades adultas como forma de preparo para a vida futura essa proximidade do adulto com a criança desperta nela o sentimento de proteção, carinho, atenção, além de fazer com que ela se sinta ouvida.

Platão no ano de 420 (a.C.) apontava as contribuições das brincadeiras para a aprendizagem e relações sociais entre as crianças, além disso, defendia que era

possível aprender brincando, sendo dispensável o uso da violência e da repressão no momento da aprendizagem (MORAES, 2012). É normal nas crianças a curiosidade pelo desconhecido, assim como o gosto e a necessidade de explorar o ambiente que a cerca. Moraes (2012, p. 34) afirma que brincando a criança aprende a manifestar o seu próprio espírito criativo, pois enquanto brinca ela se apropria dos alicerces que sustentam as bases educacionais e tradicionais de sua cultura. Os apontamentos da autora no século XXI vão ao encontro do que Platão defendia no ano de 420 a. C.

Compreende-se que mesmo pequena a criança percebe e sabe quais atitudes por parte dos adultos lhe fazem bem, e aos quais ela sempre irá recorrer, é importante mencionar que a presença ao qual mencionamos não se restringe e nem equivale à presença física, deve vir acompanhado de tempo, disposição, paciência e estímulo, por exemplo. O brincar proporciona a criança um ambiente de aprendizagem, e deve ser respeitado pelo adulto, que deve instigar a criança e estimular sua criatividade para que ela consiga ir mais longe (MELO, 2019). Segundo Moraes (2012) o brincar é inserido de modo que sua prática constitui significados para assimilação dos papéis sociais e compreensão das relações afetivas que ocorrem no meio em que a criança está emergida, e colabora para a construção do conhecimento. A liberdade nas brincadeiras concedidas à criança para que ela crie as regras assinala um importante elemento que contribui para seu crescimento pessoal, maleável, porém intransferível a outra pessoa. Por este motivo que se defende a liberdade e autonomia no ato do brincar (MELO, 2019).

Rousseau (1979, p. 49) afirmava que “[...] a infância tem o seu papel na ordem da vida humana; é preciso considerar o homem no homem e a criança na criança”. Isso inclui os atos de brincar e de permitir que a criança viva este momento sem as interrupções do adulto que algumas vezes se esquece dessa fase. Santos (1999) aponta uma série de benefícios e ações que o ato de brincar proporciona a criança, ele chama de enfoques, e esses enfoques distribuem-se no campo da filosofia, sociologia, psicologia, psicoterapia, pedagogia e na criatividade, e em suma podem ser definidos como meio que proporciona a criança desenvolvimento completo e pleno, pode-se destacar então o filosófico onde o brincar é como um mecanismo para contrapor à racionalidade, a emoção deverá estar junta na ação humana tanto quanto a razão, a expressão lúdica tem a capacidade de unir razão e emoção, conhecimento e sonho; sociológico, onde o brincar tem sido visto como a

forma mais pura de inserção da criança na sociedade. Brincando, a criança vai assimilando crenças, costumes, regras, leis e hábitos do meio em que vive.

A apropriação da cultura infantil é resultado das interações lúdicas, que se dá entre a criança, o brinquedo e outras pessoas; psicológico, traz que o brincar está presente em todo o desenvolvimento da criança nas diferentes formas e modificações de seu comportamento; pois na formação da personalidade, nos comportamentos, nas motivações, necessidades, emoções, valores, as interações criança/família e criança/sociedade, que estão associados os efeitos do brincar. Com o fator psicoterapêutico o brincar tem a função de entender a criança nos seus processos de crescimento e de remoção dos bloqueios do desenvolvimento, que se tornam evidente; para o pedagógico o brincar tem-se revelado uma estratégia poderosa para o aprendizado, constituindo uma peça importantíssima na formação da personalidade, nos domínios da inteligência, na evolução do pensamento e de todas as funções mentais superiores, transformando-se num meio viável para a construção do conhecimento; Para a criatividade tanto o ato de brincar, como o ato criativo estão centrados na busca do “eu”. É no brincar que se pode ser criativo, e é no criar que se brinca com as imagens e signos, fazendo uso do próprio potencial (ROUSSEAU, 1979).

O pedagogo alemão Friedrich Froebel foi um dos primeiros educadores a defender a infância como uma fase decisiva na formação da pessoa e conseqüentemente apontar a necessidade de atenção ao processo de escolarização das crianças.

“A criança que brinca sempre com determinação auto ativa, preservando, esquecendo suas fadigas físicas, pode certamente torna-se um homem determinado, capaz de auto sacrifício para promoção do seu bem e dos outros” (FROEBEL, 1912, P. 55).

Conforme Froebel (1912) é importante levar em consideração a necessidade de reconhecimento no outro, que independente da idade, é uma extensão de nós mesmos. Dessa forma, ao observar o comportamento de uma criança perante os jogos e as brincadeiras, é possível enxergar nela a pureza de um mundo que um dia, foi experienciado e assim pode-se contribuir de maneira positiva para que a criança desfrute desse momento, que tenha liberdade para demonstrar suas fantasias e que desde cedo experimente a aprendizagem através do brincar. Tudo isso será condição necessária para que ela tenha boas lembranças em sua

memória e transmite as mesmas sensações nas próximas gerações ao qual tiver convívio.

Para Ujiie (2007) na contemporaneidade um dos grandes problemas e fruto de muitas preocupações, é o contato cada vez mais cedo de crianças com os instrumentos tecnológicos e com os meios de comunicação. Pode-se afirmar que, de certa maneira tais condutas são influenciadas pelos próprios pais, que na correria do dia a dia permitem que as crianças passem grande parte do seu tempo em contato com os aparelhos eletrônicos que facilmente acabam tomando o lugar de brincadeiras sadias, uma vez que o contato com internet e desenhos infantis acelera o processo de personificação dos indivíduos como crianças.

Nenhum instrumento tecnológico substitui a importância e os benefícios das brincadeiras na vida e formação da criança, ademais não se deve levar em consideração somente as brincadeiras, mas sim a importância do contato humano em especial o contato com as pessoas da família, a socialização primária com as pessoas do convívio da criança. É um momento que deveria ser levado a sério diante dos benefícios que proporciona ao indivíduo em fase de construção de sua personalidade. Brincar deve ser entendido com seriedade e não como perda de tempo por parte do adulto em relação à criança. É um momento de firmar as relações intrafamiliares e extrafamiliares (UJIE, 2007). A autora indica que o brincar surge na sociedade contemporânea como oportunidade para o resgate dos valores mais essenciais dos seres humanos; como potencial na cura psíquica e física; como forma de comunicação entre iguais e entre as várias gerações; como instrumento de desenvolvimento e ponte para a aprendizagem; como possibilidade de resgatar o patrimônio lúdico-cultural nos diferentes contextos socioeconômicos; como desafio deste novo século no uso do tempo livre; como possibilidade criativa; como instrumento de inserção em uma sociedade regrada; como possibilidade de conviver com os outros, de se colocar no lugar do outro (empatia); de ganhar hoje e perder amanhã; de liderar e ser conduzido; de falar e de ouvir; como desafio ao trabalho solidário, em equipe, a uma postura mais cooperativa e ecológica; como caminho do conhecimento e descoberta de potenciais ocultos; como caminho para a autonomia, a livre escolha, a transformação e a tomada de decisões.

Na Educação Infantil, a inserção do brincar nas práticas educacionais vem sendo prevista pelos Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, no entanto, há um longo caminho a ser percorrido no sentido de internalizar os

conceitos apresentados com relação ao brincar, para, efetivamente, poderem ser não somente transmitidos, mas também assumidos pelos professores na sua prática junto às crianças. Esta é uma década extremamente importante, de transição e mudança de paradigmas e patamares para que o brincar se torne uma prática consciente. Friedmann (*et al*, 2011) relata que nos cursos de formação continuada que ministra alguns professores elencam como principais dificuldades para trabalhar com o brincar, o fato de não terem espaço, tampouco materiais. A autora ressalta que estes mesmos educadores demonstram habilidades, gosto pela ação lúdica, criatividade, afeto e procura de instrumentos e metodologias de apoio, e acrescenta ainda que deste os tempos mais remotos o brincar não depende em si dos brinquedos ou materiais apropriados, visto que as crianças são capazes de construí-los conforme sua criatividade.

A criança fala através de seu brincar, entretanto, no momento atual é observada a ascensão de uma cultura de muitos brinquedos e menos brincadeiras; muita tecnologia e pouco artesanato; muita impessoalidade e pouco respeito à individualidade; mais solidão da criança do que troca; uma cultura mais competitiva do que cooperativa; uma cultura lúdica violenta, impassível, indiferente, com medo. O brincar precisa materializar-se, desprender-se, libertar-se dos discursos, passar da reflexão à vivência precisa ser trazido a espontaneidade inconsciente à consciência do brincar como linguagem simbólica, essencial ao desenvolvimento humano, para uma visão mais ampla permeada por práticas e atitudes do cuidador e responsável educador frente ao indivíduo infantil, ser assumido como atividade lúdica em todas as propostas educacionais (FRIEDMANN ET AL, 2011).

4.3 A BRINCADEIRA

A brincadeira é de grande importância no desenvolvimento e aprendizado da criança, esse desenvolvimento ocorre desde o nascimento e, quando pequena, a brincadeira é iniciada pelos seus pais ou pessoas que cuidam dela. É por meio da brincadeira que a criança desenvolve seus sentidos, a sua capacidade cognitiva e tem uma forma melhor de interagir com os pais e com o meio em que vivem. A brincadeira é para a criança o que ela tem como seu mundo, é por meio da brincadeira que ela expressa seus medos, angústias, emoções e sentimentos que,

não raramente, não ganham atenção dos pais e cuidadores (LIMA; LIMA, 2015). Fato este que pode ser influenciado pela sociedade moderna em que os meios modernos de comunicação acabam ocupando o espaço de tempo destinado a brincadeiras entre as crianças, e em relação ao contato entre pais e filhos que acabam substituindo o momento pelo acesso as redes sociais, pela página de vídeos na internet, pelos jogos online, etc. ainda que de maneira diferente, o ato de brincar acompanha os seres humanos desde tempos remotos, podemos considerar uma ação indissociável do desenvolvimento humano. Diante disso, Moraes (2012) contribui com a seguinte colocação,

“Os Jogos, os brinquedos, o brincar, as cirandas, as rodas, as cantigas, sempre tiveram um papel muito importante na vida das crianças, dos adolescentes como também dos adultos e estão presentes na história da humanidade, na construção cultural e social de um povo, desde as mais remotas civilizações” (MORAES, 2012, p. 19).

Pode-se ser mais consciente ao perceber e analisar o comportamento da criança ainda no ventre da mãe, no período da gestação. Os movimentos que ela realiza, as cambalhotas, os chutes, podem ser consideradas brincadeiras realizadas pela mesma no ambiente que está inserida. Alguns estudiosos afirmam que o ambiente influenciará muito mais no desenvolvimento da criança do que as heranças genéticas que ela carrega de seus pais. Diante disso podemos levar em consideração que no ventre materno o bebê realiza atividades não somente como forma de encontrar uma posição que esteja mais confortável, senão como atividade de interação com o mundo que o cerca (MORAES, 2012). De acordo com Wajskop (2012), a brincadeira na infância é uma atividade que as crianças podem praticar sozinhas ou em grupo, e existem alguns critérios para definir essa atividade, como podemos citar: A criança pode assumir várias personalidades, representando diferentes papéis como se fosse um adulto, um animal, um objeto, outra criança; A criança pode atribuir diferentes significados a objetos, daqueles que possuem normalmente; Sempre existe uma situação imaginária; As regras que constituem a brincadeira devem ser respeitadas; As crianças realizam ações que representam as interações, os sentimentos e conhecimentos presentes na sociedade na qual vivem.

A autora Wajskop (2012) indica que a brincadeira deve fazer sempre parte do cotidiano da criança, pois é a principal atividade da infância. Os espaços dedicados a criança devem atender as necessidades, ou seja, respeitar cada faixa

etária, sendo em casa, na escola, ou na brinquedoteca, o importante é que a criança, ao brincar, tenha sua liberdade, autonomia e confiança no ambiente em que brinca. Para Brougère (1995, p. 82) “a brincadeira é, antes de tudo, uma confrontação com a cultura. Na brincadeira, a criança se relaciona com conteúdo culturais que ela reproduz e transforma, dos quais ela se apropria e lhes dá uma significação”. A brincadeira não é apenas um momento de lazer, é a descoberta, a persistência, a perseverança, o desenvolvimento do raciocínio, a potencialização das capacidades da criança; enfim é o crescimento. É através da brincadeira que o infante passa a perceber-se, assim ele começa a internalizar seus valores. Brincando a criança vivencia o que ela considera certo e errado, aprovando ou reprovando o que extraiu de suas experiências anteriores, neste momento a criança vivencia o seu EU, e os valores sociais que a influenciam direta ou indiretamente na construção de seus conceitos (MELO, 2019).

4.4 BRINQUEDOS E JOGOS PARA A CRIANÇA

A história do brinquedo é muito antiga, seu desenvolvimento vem lado-a-lado com o desenvolvimento da humanidade. Segundo Neves (2005), foi depois que os homens se tornaram sedentários que alguns objetos passaram a ser usados para brincar há 11 mil anos. Somente no século XVIII se iniciou a produção de brinquedos em fábricas. E foi no século XX que começaram a ter a aparência que possuem hoje. Os primeiros foram criados inicialmente para serem cultuados, e de acordo com Benjamin (1984), a maioria dos brinquedos antigos, como bola, pipa ou papagaio, arco, rodas, de certa forma, foram impostos às crianças como objetos instruídos e assim com a força da imaginação das crianças foram se transformando em brinquedos.

Para Kishimoto (1994) o brinquedo é o estimulante material para fazer fluir o imaginário infantil, e é através do brinquedo que as crianças começam a agir como sujeito pensante, pois é usando a imaginação que ela atribui sentido ou sentidos aos objetos, com isso demonstra a grande importância do brinquedo para o desenvolvimento do ser humano. Percebe-se que os brinquedos antigos ou mais tradicionais possuem uma característica bem marcante, eles representam perfeitamente o “mundo dos adultos”, são imitações de objetos usados pelos pais ou outros adultos, para interagirem com a sociedade, por exemplo: recipientes feitos de

plástico para a guarda de mantimentos, mesinhas e cadeiras, panelinhas, dentre tantos outros.

Compreende-se então que é através do brinquedo que a criança desenvolve sua imaginação, construindo o mundo de faz de conta sem a necessidade de intervenção ou imediação, o brinquedo é um objeto que reproduz valores e conceitos de uma sociedade. Sendo assim, o brinquedo é o parceiro da criança na brincadeira. A manipulação do brinquedo leva a criança ao movimento e representação, a agir e imagina (BOMTEMPO, 1999).

Assim, pode-se dizer que qualquer objeto manipulado por uma criança pode ser visto como brinquedo por ela e pode ser usada como ferramenta para sua diversão e aprendizado diário, até uma simples bolinha de papel ser vista como uma bola de futsal, ou uma bexiga como uma bola de vôlei. O que vai conceituar um objeto como brinquedo é a visão, ação e manipulação do mesmo para a criança. Fortuna (2004, p. 3) afirma, “O que faz um brinquedo ser brinquedo é a ação de quem brinca”. É por meio desta manipulação do objeto brinquedo, que a criança reproduz valores e conceitos dos esportes e sobre o mundo em que vive, representando situações e atitudes vividas no seu cotidiano escolar, sendo assim, o brinquedo dá suporte para a brincadeira assim pode ser usado para sua construção subjetiva.

O brinquedo e o jogo são produtos formadores de cultura e seus usos permitem que a criança fique inserida na sociedade. O que diferencia as brincadeiras e os jogos é que na brincadeira existe uma ação livre, podendo ser mudado a qualquer momento, já o jogo deve ser respeitado por suas regras que são adquiridas com conhecimentos passados por pais, responsáveis, cuidadores, e nas escolas, assim como afirmam Brougère e Wajskop (1997 in CORDAZZO; VIEIRA, 2007, p. 4) que, “a brincadeira é simbólica e o jogo funcional, ou seja, enquanto a brincadeira tem a característica de ser livre e ter um fim em si mesmo, o jogo inclui a presença de um objetivo final a ser alcançado, a vitória”. Mesmo com esta finalidade, o jogo é visto como ferramenta para aprendizagem e desenvolvimento psicomotor da criança, motivando a prática pela criança.

Segundo Kishimoto (1994, p. 45)

“O jogo é uma atividade espontânea, livre desinibida e gratuita, pela qual a criança se manifesta, sem barreiras e inibições. O jogo é a atividade, o ‘trabalho’ próprio da criança. O jogo também tem função de dar prazer à

criança, liberar a imaginação e a criatividade, ritmo, raciocínio, memória. Cada criança, através dos jogos, cria seu próprio êxito.”

Dentro desta concepção deve-se enfatizar que as brincadeiras, brinquedos e jogos são ações desenvolvidas em busca do prazer, ou seja, visando a ludicidade, e por meio deste momento prazeroso para criança, desenvolver suas capacidades cognitivas, sócio afetivo e psicomotoras, construindo conhecimentos e o ensino aprendizagem. Conforme Kiskimoto (1994, p.32) “para Piaget ao manifestar a conduta lúdica, a criança demonstra o nível de seus estágios cognitivos e constrói conhecimentos”.

Com base na citação acima, é fundamental que o adulto seja o mediador de tais conhecimentos, utilizando-se destas atividades como recursos dentro de seu cotidiano e também na escola, e não visando apenas como um entretenimento para o lazer, e sim para a aprendizagem e seu desenvolvimento, para sua construção pessoal.

4.5 A BRINCADEIRA E O BRINCAR COMO FERRAMENTA NA CONSTRUÇÃO DA CRIATIVIDADE DA CRIANÇA

Considerando que o brincar é o meio natural de expressão de uma criança, ao desenvolver o lúdico se aproveita como condição de se construir a relação de ajuda, durante as brincadeiras a criança da concretude ao seu poder criativo, projetando nas brincadeiras os seus sentimentos, pensamentos e sua percepção do mundo, e de si para o mundo (AXLINE,1980).

De acordo com HEYDBRAND (1977), o brincar é o movimento e a manifestação de uma força que se faz com a dinâmica criadora continuada no corpo e que se projeta também para fora, ela tem a oportunidade de libertar seus pensamentos, sentimentos e problemas através da brincadeira e o brincar é um agir no qual a criança projeta seus pensamentos e sentimentos, revelando ou tornando visível o que estava oculto, para ela mesma e para o adulto que a acompanha, é oferecido a criança a oportunidade de extravasar, se libertar daquilo que a faz sofrer, ou seja se libertando da incompreensão daquilo que vivência.

O ser humano é um ser brincante por natureza, desde o ventre da mãe já é possível ter esse tipo de sentimento, a criança começa a dar os primeiros sinais de

que o brincar e a brincadeira existem e que são importantes para o seu desenvolvimento quando ainda está na barriga da mãe, até o mexer dentro da barriga não mostra apenas que ele está vivo, existe e é importante para a futura família. Nesse momento também aparece o sentido de desenvolvimento psicológico e de aprendizado, os primeiros sinais do brincar e da brincadeira estão aflorando. A mãe pode perceber esse desenvolvimento através do acariciar de suas mãos na barriga. Bunduki (2009 IN WILDNER, 2016) afirma que é no ventre materno o primeiro ambiente de interação e de estímulos que a criança recebe, sendo primordial para o desenvolvimento humano, pois é nele que se começa a experimentar os estímulos do mundo externo.

Ao nascer, a criança vai se tornando ainda mais expressiva através dos gestos, a forma como aprende a mamar. Esse contato imediato da figura da mãe lhe dá mais segurança e ela começa a interagir e querer brincar com o cabelo da mãe, brincar com seus dedinhos e comumente emite ruídos. Dessa forma a criança está tentando se integrar ao novo ambiente, fazendo com que os gestos e sons expressem seus desejos na forma do brincar e da brincadeira. Brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e autonomia. O fato de a criança, desde muito cedo poder se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde, representar determinado papel na brincadeira, faz com que ela desenvolva sua imaginação. Nas brincadeiras, as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como atenção, a imitação, a memória, a imaginação (LOPES, 2006).

Segundo Vygotsky (2007) as emoções expressadas pela criança através do brincar e da brincadeira dependem também de estímulos e do ambiente em que a criança está inserida. É importante salientar que a criança necessita de condições para externalizar o que está sentindo. Muitas vezes como exemplo pode-se citar a ausência da mãe, que deveria estar próxima da criança, é expressa através de seus brinquedos. Para a criança é fundamental dizer o que está sentindo, e, quando ela é muito pequena, e ainda não aprendeu a falar isso se dá muitas vezes através do brinquedo. Vygotsky (2007), em seus estudos, deu especial atenção à formação da criança e sua relação com o brinquedo e afirma que a criança passa a criar uma situação ilusória e imaginária, como forma de satisfazer seus desejos não realizáveis. Esta é, aliás, a característica que define o brinquedo de um modo geral.

A criança brinca pela necessidade de agir em relação ao mundo mais amplo dos adultos e não apenas ao universo dos objetos a que ela tem acesso.

Segundo os autores, Salomão, Martini e Jordão (2007) é importante mostrar a necessidade da expressão dos sentimentos da criança, trazendo benefícios no amadurecimento emocional, experimentando o mundo ao seu redor, provocando o funcionamento e desenvolvimento dentro de sua capacidade de associar os sentimentos através do simbólico. O aprender brincando necessita dos sentimentos de afetividade e de carinho dos adultos que a rodeiam, para estimular a criança, favorecendo o aprendizado. Muitas vezes, as crianças usam o brinquedo e a brincadeira como forma de expressar seus sentimentos, sejam as alegrias ou insatisfações e, muitos adultos não percebem, na maioria das vezes, que a criança está dizendo algo que ela não aceita e não sabe dizer com palavras, apenas associa o brinquedo ao fato. “Para construir, a criança utiliza-se das características associativas dos objetos, seu uso simbólico, e das possibilidades reais das matérias, a fim de, gradativamente, relacioná-las em função de diferentes argumentos.”

Compreende-se então que o brinquedo e a brincadeira oferecem possibilidades para a criança conhecer o mundo e estabelecer relações no universo imaginário da fantasia. Isso se torna relevante quando a criança brinca, imita, inventa, representa e cria com ajuda do brinquedo. Assim se estabelece o processo de conhecimento de si e do próximo. “A criação de uma situação imaginária não é algo casual na vida da criança, pelo contrário, é a primeira manifestação da independência da criança em relação às restrições situacionais.” De forma clara, Vygotsky (2007) estabelece que uma situação imaginária fará com que a criança desenvolva a aprendizagem através do brinquedo, auxiliando, assim, no caminho que a criança irá percorrer no processo cognitivo e seu desenvolvimento futuro. A criança absorve conhecimento de tudo que está ao seu redor, ela acaba por se tornar uma totalidade de situações experimentadas sejam elas boas ou ruins, essas vivências vão contribuir diretamente na formação de seus valores enquanto ser humano. Valores estes que poderão acompanhá-la até sua maturidade.

Rolim, Guerra e Tassingy (2008) consideram que dessa forma torna-se impossível viver em sociedade sem deter valores morais, eles interferem diretamente no sentimento partilhado, assim sendo os valores morais vivenciados pela criança são totalmente relevantes para que ela tenha uma boa qualidade de

vida, desse modo Rolim, Guerra e Tassingy (2008, p. 177) diz que, “brincar é importante em todas as fases da vida, mais na infância ela é ainda mais essencial: não é apenas um entretenimento, mas, também, aprendizagem”, pois são esses valores que a levarão já na fase adulta a sair do individualismo e pensar no outro, perceber que toda ação tem uma reação, tornando-se capaz de fazer julgamentos e escolhas quando necessário.

Sendo assim percebe-se então que a brincadeira e o brincar caracteriza-se como uma forma de expressão criativa e promotora de conhecimento, vivenciada pela criança desde seu nascimento. Porém, tentar definir o termo jogo não é um trabalho fácil. Para Oliveira (2000) o brincar, da mesma forma que descobrir e inventar coisas e maneira novas de brincar, são capacidades que se desenvolvem ao longo das experiências vividas, muitas vezes de maneira entrelaçada, e é no brincar que a criança sacia as suas necessidades, é motivada e desfruta de um clima especial para a aprendizagem, desenvolvimento e para a criatividade. Essa criatividade está ligada diretamente as representações sociais, à linguagem, ao desenvolvimento e ao simbolismo, adquiridos a partir do brincar (brincadeiras e jogos). Segundo Moyles (2002) os atuais modelos do brincar e da aprendizagem influenciam na criatividade das crianças.

4.6 O PROCESSO CRIATIVO INFANTIL, O BRINCAR E A BRINCADEIRA COMO FERRAMENTAS POTENCIALIZADORAS: UMA OLHAR DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

De acordo com Melo (2019) a Abordagem Centrada na Pessoa – ACP vai além das psicoterapias, e pode ser utilizada em todas as relações de ajuda e nas relações humanas de uma forma geral, não há técnicas que se aplicam a essa abordagem o que consequentemente a diferencia de todas as outras formas aplicadas a direcionar as pessoas em busca de suas necessidades. Assim a ACP estimula a pessoa a buscar seus caminhos e suas respostas a partir de suas próprias experiências, focada no ser, no indivíduo, na criança, da mesma forma, como defende a necessidade de que as crianças tenham espaço para desenvolver suas brincadeiras livremente, sem interferência dos adultos.

A ACP foi desenvolvida por um dos mais renomados psicólogos do campo do trabalho e pesquisa do século XX, o americano Carl Rogers, que também pode ser considerado pioneiro em pesquisas em psicoterapia (APACP, 2019). De acordo com Carl Rogers (1987) todo ser humano é capaz de se autodirigir, fenômeno este defendido como Tendência de Atualização, no qual ele designa como um esforço natural onde o sujeito encontra condições para sobreviver e enriquecer seu próprio universo levando em consideração o local onde vive. Assim ele conseguiu aumentar sua felicidade, saberes, bem como sua satisfação em relação ao mundo, (APACP- Associação Paulista Abordagem Centrada na Pessoa). A APACP (2019) afirma que:

“A hipótese central da abordagem centrada na pessoa é a de que o indivíduo possui dentro de si mesmo vastos recursos para a auto compreensão e para alterar o seu autoconceito, suas atitudes básicas e seu comportamento autodirigido, e estes recursos podem ser liberados se um clima definido de atitudes psicológicas facilitadoras puder ser oferecido” (APACP, 2019, p. 1).

Para Rogers (1951; 1992), a criança vive num mundo de experiência, reagindo a este mundo de acordo como percebe, experiencia e vivência. É a realidade para ela. Este mundo vivido é o que se chama de campo fenomenológico; diz respeito a todas as experiências vivenciadas pelo organismo simbolizadas ou não na consciência, a criança, a partir de sua tendência atualizante, se desenvolve no sentido de um movimento ativo e direcional, no qual o organismo se move, em meio as dores e lutas, em direção do crescimento e aperfeiçoamento. Dito isto desta forma, os bebês vivem num mundo de experiência que só existe para eles, sem ainda saber organizá-lo ou diferenciá-lo. Passam, a partir da relação estabelecida com o meio e, principalmente, com pessoas socialmente significativas (que pode ser a mãe ou o pai, ou qualquer pessoa que tenha relação de proximidade com a criança, exercendo sobre ela importante influência) a apresentar consciência do existir. Essa consciência de existir amplia-se, formando-se a noção do eu (self) ou autoconceito que é definido como “um padrão conceitual organizado, fluido e coerente de percepções de características e relações do ‘eu’ ou do ‘mim’, juntamente com valores ligados a esses conceitos” (ROGERS, 1951, p. 566).

Em relação às crianças as brincadeiras é o estímulo que possibilita que essas externalizem os sentimentos, as emoções, as fragilidades, as frustrações e acabam demonstrando características da pessoa para além da estrutura física que

ela apresenta. Em outras palavras, elas projetam ações que fazem parte do seu próprio ser e que ao mesmo tempo servem como meio de interpretação (OAKLANDER, 1980). Ao contrário do que muitos concebem quando se fala em brincadeiras e ACP, esse não é um conjunto indissociável da psicologia, psiquiatria e tampouco da terapia infantil. No presente estudo, por exemplo, utiliza-se ACP e o Brincar como meios que possibilitam uma enorme gama de contribuições ao desenvolvimento subjetivo da criança, para além dos consultórios. Levando em consideração a ACP e o brincar na fase infantil é possível afirmar que os elementos que contribuem para alcançar resultados satisfatórios funcionam como uma engrenagem. Se acaso, no decorrer do processo, algum elo ou elemento deixa de funcionar como deveria o processo não chega a ser concluído, tampouco a criança atinge aprendizado que deveria a partir de suas próprias experiências. Diante disso e das considerações de Rogers, a figura que transmite a importância e os resultados das brincadeiras no dia a dia das crianças, quando estimuladas e principalmente, quando dado a liberdade e autonomia para criar e recriar as situações (CÓTICA, 2016).

A liberdade ao qual é mencionada e defendida em nenhuma hipótese está ligado à permissão em relação à criança realizar tudo o que quer, até por isso é de extrema importância que as brincadeiras, sejam juntamente com um adulto por perto, para estar interagindo de maneira especial esse contato com o brincar, assim contribuindo para a expressão da criança diante do ato, por isso o ambiente em que a criança está inserida e os brinquedos precisam ser supervisionados por algum adulto que não só pode como deve interferir quando o comportamento da criança é indesejado e que oferece riscos a sua saúde e de outras que estejam próximas, excluindo situações como essa, o adulto deve ajudar a criança instigando, estimulando, colocando a prova em novas e diferentes situações costumeiras. A relação entre o brincar e o jogar entre as crianças é infinitamente benéfica, que se torna ainda melhor quando as crianças aprendem a compartilhar seus pertences, ou seja, seus brinquedos, pois colabora para a brincadeira cooperativa caracterizada pelo trabalho em conjunto, pela troca e pela interação social. É por meio de momentos como esse que a criança experimenta os primeiros momentos de doação, cooperação e troca. Elementos tão importantes ao ser humano na sociedade (MAGNABOSCO, 2007).

Para a ACP a criança é uma pessoa em desenvolvimento, possui em si todos os instrumentos que a possibilita evoluir e desenvolver-se e uma tendência a utilizar tais instrumentos, desde que lhe sejam dadas condições favoráveis para isso, estrutura sua identidade na relação afetiva com os adultos de referência. Sendo assim em seus primeiros anos de vida, sua principal via de relação com o outro e com a experimentação do mundo é basicamente o corpo e a comunicação não-verbal. Diferencia-se do adulto não em status, mas em experiência e consciência de vida, percepção de si mesmo e do mundo. Percebe-se então a mesma consideração e respeito que precisa existir na relação com o adulto para que essa se torne um ser saudável quando adulto (APACP, 2019). Assim quando brinca “de verdade”, a criança traz o seu “Eu” através do corpo. A forma como se coloca no mundo. O mundo é um espaço terapêutico, e um mundo analógico. Seria a sala, os objetos, os limites concretos de tempo e espaço. Ela irá trazer o seu “Eu” em relação com esse mundo mostrando ali: os espaços que ocupa, ou não; os objetos que escolhe e a forma como escolhe utilizá-los; seus limites corporais; os limites que estabelece, ou não na relação com o outro (APACP, 2019).

A ACP considera através do brincar e das brincadeiras uma importância primordial que visa facilitar a retomada do pleno desenvolvimento dessa criança, facilitar a vivência de seu processo pessoal através de afirmação e regressão. Experimentando a própria agressividade, afetividade, relação com a autoridade, sexualidade, afetividade. Onde retorna etapas de seu desenvolvimento, com intuito de melhor elaborá-las numa nova relação com o adulto, disponível a atender suas necessidades psicoafetivas e relacionais, levando em conta a especificidade de cada criança como um ser único, inserida em uma determinada família e contexto social, que nos mostrara caminhos a seguir diante de sua construção subjetiva, usando a sua capacidade de criar (APACP, 2019). Portanto é perceptível a importância de manter a relação entre o brincar e a criatividade, pois é sabido que as experiências estimuladoras da criatividade pressupõem o desenvolvimento das relações e das descobertas pessoais, uma vez que a criatividade existe na relação do indivíduo e seu meio. As atitudes criativas levam à autoconfiança, pelo estímulo ao desenvolvimento de aptidões e conhecimento das características e limitações pessoais (SCHIRMER, 2001).

Oliveira (2016) explica que a criatividade nasce com o objetivo de mediar as relações ambientais (externas) e subjetivas (internas) que afetam diretamente a

experiência singular de cada indivíduo para que no decorrer de suas vivências, o sujeito não perca contato com suas potencialidades e consigo mesmo. Segundo o mesmo autor, o significado de criatividade de maneira ampla, está relacionado às expressões artísticas, aptidões e talentos que se destacam como dons individuais. Sendo assim, sob uma ótica mais genérica, a sociedade considera a criatividade como uma aptidão impossível de ser alcançada, não sendo possível nem mesmo através do esforço bruto. Considerando que a própria sociedade avalia a criatividade como uma característica exclusiva e impossível de ser alcançada caso não esteja presente desde o nascimento, o trabalho e empenho para desenvolver tais habilidades tem diminuído com o passar dos anos. A sociedade altamente globalizada e cientificamente desenvolvida, na qual a cultura pode ser considerada rígida não admite a internalização e elaboração de experiências subjetivas, agenciando dia após dia a desvalorização das individualidades do ser humano, tornando suas vivências e modos de experiência altamente racionais e cristalizados.

Compreende-se então que Criatividade é a expressão de um potencial humano de realização, que se manifesta através das atividades humanas e gera produtos na ocorrência de seu processo. Devemos acrescentar que através da atividade criativa, os seres humanos alcançam uma consciência sobre suas potencialidades, desvendam a condição genuína de sua liberdade pessoal e edificam sua autonomia, uma vez que através da criatividade, o homem existe e evolui se expressa e, modela parcelas de realidade do universo das infinitas possibilidades humanas, a criatividade torna-se então a qualidade onde todo ser humano pode demonstrar em sua maneira de viver, e que é possível aumentar a criatividade na maioria dos indivíduos, aumentando assim na sociedade em geral, se for posto em prática na educação o que sabemos a respeito de condições que incentivam a criatividade, sendo uma desta, a arte. (MIEL 1972). Os autores Lowenfeld e Brittain (1970) e Ostrower (1995) elucidam que a criatividade precisa ser vista como o potencial criativo humano desde da infância, pois quando as crianças têm suas iniciativas criativas elogiadas e incentivadas pelos pais, tendem a ser adultos ousados, propensos a agir de forma inovadora, com isso o oposto também parece ser verdadeiro, o potencial criador não é outra coisa senão uma disponibilidade interior, a plena entrega de si e a presença total naquilo que se faz. A criatividade e sua realização correspondem a um caminho de desenvolvimento da personalidade.

A criatividade é considerada um processo expressivo na vida do ser humano, sendo fator primordial para o desenvolvimento das potencialidades intrínsecas do ser humano, estimulando-o a ir em busca de reconhecer em si suas capacidades de adaptar-se conforme o meio em que está inserido, buscando ou até mesmo criando se necessário, novos caminhos e agenciando inovação no que se refere às suas habilidades, a criatividade pode ainda exercer o papel de ser provedora de mudança e desenvolvimento pessoal e social, permitindo estabelecer relações familiares, escolares, amizades, profissionais, etc mais saudáveis e restauradoras. Por meio do exercício criativo, é possível encontrar condições para que cada vez mais, o ser humano utilize plenamente de suas capacidades criativas, sendo um meio que por si só possui bases motivadoras que propiciam a valorização da criatividade. Por outro lado, atualmente é observado que a valorização em excesso da racionalização e da experiência humana ameaça a prática de exercícios que proporcionem a expressão criativa (OLIVEIRA, 2016). Na perspectiva humanista o processo criativo apresenta-se como a emergência de um novo produto relacional, que surge a partir da condição de singularidade de indivíduo e seus objetos, acontecimentos ou circunstâncias de sua vida, na concepção de Rogers (2000) precursor da Psicologia Humanista, apresenta por meio da ACP que o ser humano possui capacidades naturais para lidar com mudanças provenientes de seu ambiente sem que isso ocasione sofrimento ou a perda de características que façam parte de si mesmo, pois pode se atualizar de acordo com as condições que lhe são apresentadas, possibilitando aberturas para novas experiências, avaliações internas e externas e o desejo de comunicar-se de forma livre e espontânea caso sejam apresentadas condições que o favoreçam e proporcionem o sentimento de segurança e confiança pessoal para que isto ocorra (NOVAES, 1971 in SCHIRMER, 2001).

Ao viver criativamente o indivíduo proporciona a si mesmo diversos atravessamentos subjetivos que contribuem para seu crescimento e com a maneira que o mesmo utiliza essas experiências para moldar suas relações e entrar em contato com características de sua subjetividade que tendem a enriquecer seu repertório e sua troca de relações. A percepção que o ser humano tem do mundo, da sociedade e a própria percepção de si mesmo fazem parte da redefinição de diversos conceitos básicos que promove em ambos um constante estado de

modificação e de reconstrução de subjetividades que emergem a cada instante, fazendo com que o ser humano nunca se encontre duas vezes no mesmo momento em seu ambiente e nunca duas vezes nele mesmo (SEABRA, 2007). Rogers (2000) em sua obra descreve o ser humano como sendo um ser detentor de potencialidades inatas que o direcionam de forma positiva ao seu desenvolvimento e crescimento pessoal. A Criatividade nessa perspectiva responde à tendência do ser humano em se atualizar e se realizar de acordo com suas percepções e potencialidades, reorganizando características íntimas do funcionamento orgânico enquanto indivíduo para que se chegue a um estado de congruência, permitindo a comunicação consigo mesmo através da auto compreensão e auto conceituação evidenciando a relação íntima do ser humano com suas representações, experiências, sensações e simbolizações. “A imagem que ele tem de si, o que ele pensa que é, deve coincidir com aquilo que ele realmente é” (FORMOSINHO, 2006). No ponto de vista de Rogers (1987):

“Os indivíduos possuem dentro de si vastos recursos para a autocompreensão e para modificação de seus autoconceitos, de suas atitudes e de seu comportamento autônomo. Esses recursos podem ser ativados se houver um clima, passível de definição, de atitudes psicológicas facilitadoras.” (ROGERS, 1987, p.45).

É imperativo considerar que a criatividade tem ação construtiva e destrutiva da personalidade do ser humano que age de acordo com as necessidades que lhe são apresentadas. Através da necessidade e a liberdade de expressão, variáveis criativas formulam expressões que podem tomar formas artísticas de fato, mas também podem resultar na criação de processos que desenvolvam a autoimagem, base da personalidade humana. Ao mostrar que a criatividade responde de acordo com as necessidades do indivíduo em realizar-se, os acontecimentos pessoais, as circunstâncias nas quais a vida é administrada e o ambiente onde são realizadas as trocas de experiências é o que irá delimitar a qualidade, a intensidade e a natureza criativa (MACHADO, 2010). Nesse sentido, Rogers exemplifica que:

“(...) o indivíduo traz dentro de si a capacidade e a tendência, latente se não evidente, para caminhar rumo à maturidade. Em um clima psicológico adequado, essa tendência é liberada, tornando-se real ao invés de potencial. Isto se mostra evidente na capacidade do indivíduo para compreender aqueles aspectos da vida e de si mesmo que lhe estão causando dor e insatisfação, uma compreensão que investiga, por detrás do

conhecimento consciente de si mesmo, aquelas experiências que escondeu de si devido à sua natureza ameaçadora” (ROGERS, 2000, p. 41)

Ao se dispor a vivenciar o mundo de forma contínua e verdadeira, o ser humano ativa suas potencialidades que são mais íntimas e verdadeiras de sua personalidade, pois é através delas que o ser humano se identifica como diferente do outro e ao constatar isto, necessita compreender o que significa que incide seu funcionamento orgânico em sua máxima capacidade e se torna envolvido de sua personalidade, funcionando de maneira plena para compreender de forma congruente seu sofrimento, seus medos, suas angústias, suas resistências ao se aceitar, ao aceitar o mundo como ele é e o mundo como o percebe. (FORMOSINHO, 2006).

Rogers aborda sobre essa liberdade psicológica, o entendimento de que, quando os pais, ou outra pessoa na função de facilitadora do processo de expressão criativa permitem a liberdade de expressão simbólica, estarão favorecendo a criatividade. É uma liberdade para experimentar e brincar com as próprias ideias, o jogo espontâneo de associar percepções, conceitos e significações, enfim, uma liberdade para deixar fluir as possibilidades da expressão criativa. Entende-se de acordo com Melo (2019), que a vivência dessas emoções é a chave para um crescimento saudável; através dela a criança descobre-se como um ser total capaz de enfrentar dificuldades e vivenciá-las de modo construtivo. As experiências são momentos vividos, ao mesmo tempo que é a “preparação” para momentos futuros. A expressividade do brincar permite que a criança apreenda o seu mundo, compreendendo-o ao seu modo, de acordo com sua percepção. A sua visão do mundo é capaz de transformá-lo, afinal ela irá construí-lo como ela o vê.

Diante das colocações acerca de criatividade o autor Oliveira (2016) apresenta a ideia de que a família é primordial, no fator ambiental da sociedade, tendo como principal papel servir de modelo educacional. Proporcionando às crianças, incentivo, apoio e nutrição para o seu desenvolvimento saudável durante os primeiros anos de vida, mas também provendo experiências que sejam capazes de favorecer o desenvolvimento da autoestima e autonomia necessárias para a expressão criativa.

Sendo assim as relações estabelecidas ao longo da vida se tornam fundamentais para o desenvolvimento desta capacidade humana, na medida em que o ambiente

relacional se expande para além do âmbito familiar, novas instâncias passam a determinar nosso potencial criativo, favorecendo ou desfavorecendo o seu desenvolvimento (OLIVEIRA, 2016). Percebe-se então diante de todo o referencial que se torna difícil dissociar o brincar da visão Centrada na Pessoa, afinal, é inegável que crianças são pessoas, e que seu modo de vivenciar o mundo é Centrado na Pessoa. Partindo da autenticidade das crianças, e da sua força interior que sempre a impulsiona para um caminho de auto-superação, a autora Axline fomenta em sua obra “Dibs em busca de si mesmo”, a criatividade da criança e a liberdade que a ACP proporciona a criança, considerado como um processo de “cura”, no processo de vivencia do mundo pois no ato de brincar a criança pode ser e ter autonomia com sua expressão. Em seu relato de experiencia em sua vivencia no atendimento clinico pode-se perceber o quão é necessário mostrar essa confiança na criança, pois no caso que ela traz uma criança extremamente retraída, que não realizava atividades de criança, pois os responsáveis exigiam muito dele, e ele era extremamente inteligente, porém não conhecia o mundo infantil, não sabia como era ser de fato uma criança, e a ACP permite que o indivíduo seja criativo (AXLINE, 1972).

4.7 O BRINCAR E A IMPORTÂNCIA DO OLHAR DOS PAIS PARA A CRIANÇA

Muito se fala a respeito de que a base de um desenvolvimento sadio permanece em um ambiente natural que é a família, que vem sofrendo várias reformulações tanto conceituais quanto aos valores perante a sociedade, e de que o ideal é que a criança viva os primeiros anos de vida junto de seus pais, sobretudo é visto que isso nem sempre vem acontecendo devido os responsáveis trabalharem em período integral, e por consequência ou sem opções acabam por deixar seus filhos em Creches ou Centros de Educação Infantis. Nesta situação é de suma importância a pessoa adulta que esteja mais próxima tende por compreender a ligação entre si e a criança, que precisara ser baseada na responsabilidade, no amor, no educar e no ato de brincar (MELO, 2019).

Compreendemos que a formação para a cidadania começa dentro do ambiente familiar, na interação entre pais e filhos. As brincadeiras ocupam um papel

extraordinário dentro do mundo das práticas educativas e emocionais, e percebe-se que o ato de brincar é fundamental para a vida da criança, pois estabelece uma conexão entre o mundo imaginário e o mundo real, é indispensável, para que a criança aprenda a ter domínio das situações presentes em sua rotina, aprimorando as relações intra e interpessoal (MELO, 2019).

Segundo Melo (2019) a vivência familiar possibilita ao indivíduo a criação de repertórios de comportamentos, ações e resoluções de problemas com significados universais (cuidados com a infância) e particulares (percepção da escola para uma determinada família). Essas experiências unificam o conhecimento coletivo e individual que organiza, interfere e a torna uma unidade dinâmica, assim estruturando a forma de subjetivação e interação social.

Para os autores Fadiman e Frager (1986) quando criança, o indivíduo passa por diversas dificuldades e obstáculos e usa de sua criatividade para se sobressair das situações que aparecem diariamente, e no ato de brincar, é possível visualizar esse crescimento, Rogers da abordagem Humanista caracteriza como sendo normal ao desenvolvimento. Ela é levada a aprender regras para o seu próprio bem, mas que no futuro podem se tornar pontos inibidores da personalidade, sendo assim partir do momento que a criança toma consciência de si mesma, do self, desenvolve uma necessidade de amor, ou consideração positiva. É uma necessidade universal em todo ser humano, diante disso compreende-se a importância da atenção dos pais voltada a criança durante o ato de brincar, sem julgamentos apenas com liberdade para expressar.

De acordo com Rafael (2010), a consideração positiva desenvolve-se na primeira infância; através do amor e dos cuidados recebidos pelo bebê, a criança descobre que os afetos são fonte de satisfação e, assim, ela aprende a sentir uma necessidade de afeição. Conforme o bebê recebe a consideração positiva ou negativa ele desenvolve sua autoestima, processo importante para seu emocional. Para a criança, o amor é tão importante que ela passa a agir de forma que lhe garanta amor ou aprovação, mesmo que não sejam comportamentos saudáveis; ela pode até agir contra seu próprio interesse, visando a agradar ou apaziguar os outros. Mas, se ela sempre se sentisse aceita e seus sentimentos aprovados, talvez isto nunca acontecesse.

Segundo Rogers a criança aprende a diferenciar ações e sentimentos que são dignos (aprovados) ou indignos (reprovados), através da avaliação dos pais como positivas ou negativas, sobre os comportamentos da criança. As experiências “reprovadas” são rejeitadas, mesmo que para o organismo sejam corretas. Isto acaba levando a um autoconceito em desacordo com as experiências organísmicas. “A criança tenta ser aquilo que os outros querem que ela seja em vez de tentar ser aquilo que realmente é” (HALL, LINDZEY E CAMPBELL, 2000). Neste sentido, Rogers realizou diversas pesquisas que destacaram a importância das avaliações das figuras parentais ou significativas, quanto ao comportamento da pessoa, podendo ocorrer uma grande diferenciação entre o self ideal e o self real (eu ideal x eu percebido), Rogers acredita que o ser humano tem a capacidade de entender a si próprio e resolver seus problemas de forma a buscar sua própria satisfação e eficácia ao funcionamento adequado, sendo assim, se o indivíduo não possui conflitos estruturais profundos, ele certamente terá esta capacidade. Independente da aprendizagem, esta característica é inerente ao homem e para que esteja em funcionamento, o indivíduo deve estar desprovido de ameaças ou desafios à imagem que tem de si mesmo (SOUZA, 2006).

De acordo com Melo (2019), na ACP é possível perceber e vivenciar a criança através das brincadeiras com o ato de brincar, durante esse processo a criança vive sua autenticidade, aceitação e a sua compreensão das pessoas que a cercam que são fatores primordiais para seu desenvolvimento saudável, e isso só é possível se os responsáveis estiverem de fato centrados em seu mundo no momento que está tendo com a criança. “Importante é que os pais compreendam a imaginação do filho e sua razão, e não se preocupem em provar que se trata de uma mentira, apesar de não aceitarem que é uma realidade.” (Lerner, 1980: p. 109). Percebe-se de acordo com os autores, um aspecto importante que se faz presente no brincar é a valorização da liberdade nas brincadeiras, é importante a autonomia cabendo a ela escolher a brincadeira, delimitar suas regras e brincar livremente, faz-se necessário ressaltar que a liberdade a qual é tratada, está relacionada essencialmente na experiência, isto é com os fenômenos internos. Os autores Rogers e Kinget (1977) consideram que o indivíduo se sente livre para reconhecer e elaborar suas experiências e sentimentos pessoais como ele entende.

De acordo com Melo (2019) o contato com o mundo da criança oferece a oportunidade de compreendê-la melhor, participando da brincadeira com a criança é

valorizado suas experiências, o terapeuta centrado prioriza o vivido do seu cliente no momento terapêutico, e é no setting terapêutico, por meio da brincadeira que a criança consegue encontrar significados e sentidos para a sua vida, ao mesmo tempo que desenvolve a sua personalidade. O brincar é capaz de promover vivências que mais adiante servirão de suporte para aliviar as tensões, pois a experiência vivida dará a ela uma preparação para superar (melhor) momentos difíceis ao longo de sua vida.

As experiências vividas nas brincadeiras são processos evolutivos que constroem a auto-confiança da criança, pois ao passo que ela se conscientiza de que é capaz de realizar uma tarefa, ela tende a buscar sua evolução para conquistar outras capacidades. Melo (2019) ressalta ainda a importância da criança se sentir segura e livre, ao mesmo tempo em que é motivada. A presença de alguém para apoiá-la, compreendê-la e dar-lhe a atenção necessária é imprescindível, contanto que este suporte não manipule o seu brincar, é onde entra a função dos pais responsáveis e adultos que tenha o cuidado com a criança, pois para progredir a criança precisa ser respeitada e sentir-se ouvida, compreende-se que a presença e disponibilidade por parte do adulto constroem um lado afetivo, mas é preciso ter claro que cada brincadeira é uma busca; uma interferência direta pode impedir que a criança faça suas descobertas e domine dificuldades, pois crescendo em um ambiente flexível, a criança terá a oportunidade de vivenciar seus conceitos, suas opiniões e assim adquirir sua autoconfiança ao passo que atinge uma criatividade aguçada, sendo então o ato de brincar um constante aprendizado e experiência de vida.

Axline em sua obra "Dibs em busca de si mesmo", aborda um caso clínico no qual, permite uma reflexão em relação a permitir que a criança tenha infância, percebe-se a importância de dar a devida atenção a criança, retrata a grande influência do meio externo, principalmente no âmbito de relacionamentos, que é de suma importância para o desenvolvimento da personalidade de uma criança, compreende-se que é na relação com o outro que o indivíduo cresce, se expressa e se atualiza. No relato de experiência terapêutica a autora permite refletir sobre a falta da participação dos pais no cotidiano infantil, o que faz com que a criança se fechasse em si, evitando o contato com o mundo externo, e a partir do processo terapêutico lúdico, gradualmente a criança começa adquirir autonomia e se desenvolver enquanto sujeito, percebe-se então que o ambiente seguro da relação

terapeuta-cliente, deu segurança e condições favoráveis para que Dibs desenvolvesse sua autoconfiança, se transformando em uma criança com autonomia e responsabilidade, passando a ser o autor de sua própria história, havendo o seu amadurecimento natural (AXLINE, 1980). Logo, o ambiente e as vivências que ocorrem nele são os grandes responsáveis para que o sujeito use da criatividade, empregando os recursos disponíveis não apenas no ambiente terapêutico, mas em sua vida do cotidiano e passe a ser o criador de sua história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Permeando o arcabouço teórico que serpenteia o escopo desta revisão bibliográfica observa-se o quanto a criança aprende enquanto brinca adquirindo assim novas experiências. Verifica-se ainda, que a criança, compreende que de alguma forma a brincadeira se faz presente e acrescenta elementos indispensáveis ao relacionamento com outras pessoas. Assim, a criança estabelece com os jogos e as brincadeiras uma relação natural e consegue extravasar suas tristezas e alegrias, angústias, entusiasmos, passividades e agressividades, é por meio da brincadeira que a criança vivencia seus sentimentos, emoções e comportamentos além de se envolver no jogo e partilhar com o outro, tendo a possibilidade de se conhecer e conhecer o outro. Apesar dessa inquietação, o estudo indicou o quanto é essencial a interação com o mundo infantil, sempre experienciando junto da criança a brincadeira, o brinquedo e o jogo pois são fundamentais para o desenvolvimento emocional, da memória, da linguagem, da atenção, da percepção, da criatividade e das mais diversas habilidades contribuindo para a aprendizagem de maneira geral. Brincando e jogando a criança terá oportunidade de desenvolver capacidades indispensáveis a sua vida adulta tais como atenção, afetividade, o hábito de concentrar-se, dentre outras habilidades. Nessa perspectiva, o brincar a brincadeira, brinquedos e os jogos vêm contribuir significativamente para o importante desenvolvimento das estruturas psicológicas da criança.

É notável que o ser humano é um ser em constante transformação, uso o termo “Metamorfose” para elucidar do que se trata essas mudanças, visto que não se trata de seres imóveis, é constante a mudança, a transformação e a reprodução, reconstruindo o mundo de modo que algumas práticas da infância, foram diferentes da vida dos seres ancestrais e também diferentes da vida dos indivíduos que ainda virão a nascer, de alunos e demais crianças. Porém, o fato de que não se encontra nas crianças hábitos e comportamentos iguais aos que foram praticados na infância outrora não significa que esta infância não existe, ela pode existir de forma diferente da que já foi experienciada. Assim como o adulto a criança é um ser em construção e que irá se construindo por toda a vida. Sua aprendizagem se dará em momentos de atividades individuais e atividades coletivas. Entretanto, a fase da vida infantil reserva algumas peculiaridades no desenvolvimento, o modo de construção deste

conhecimento, de percepção e ação no mundo, que é o que faz da criança um ser humano diferente do adulto, por isso a relevância de ser educadas de um modo que respeite suas peculiaridades, através de brincadeiras, faz-de-conta, através do lúdico e de forma prazerosa. Seus direitos devem ser respeitados e sua integridade preservada. Não é possível pensar uma prática pedagógica inclusiva, que respeite a diversidade humana se nós adultos planejarmos e organizarmos a vida da criança de um modo que ignore a realidade que ela é, em função do nosso desejo de que a infância dela seja uma reprodução do que foi a nossa.

Foi visto aqui que diferentes tipos de infância sempre existiram, sendo que o momento em que éramos crianças, outras infâncias diferentes da nossa já existiam, mesmo sem nos darmos conta, a infância da criança de poder aquisitivo baixo; a da criança de poder aquisitivo médio; a criança que teve brinquedos industrializados; a que não teve brinquedos e que por isso teve que usar da criatividade para fazer dos objetos existentes na sua realidade, brinquedos; a infância da criança que foi agredida moralmente, fisicamente e entre outros detalhes que como adultos não nos atentamos, é necessário compreender e viver de maneira com que a criança e a sua infância seja amada, respeitada e considerada.

Percebe-se que existem e existiram várias infâncias entre as quais é possível nos localizar e localizar outros, porém independente de qual foi a nossa infância e de qual foi a infância do outro, o fato é que a diversidade é condição de existência de todo ser humano, por isso ela sempre está presente, a diferença é o modo como lidamos com o diverso. Respeitar a infância da criança com a qual é trabalhado exige a compreensão do outro, como alguém diferente, que pode indicar o que realmente é, e do que realmente precisa, mas só é possível compreender e entender que todo ser humano, independentemente de sua faixa etária, e de sua característica fenotípica, de sua condição econômica e de seus hábitos é um ser único e carrega consigo as possibilidades da vida.

No entanto, para que tal ação seja possível, é preciso desconstruir o desejo de saber, a prepotência de acreditar que é tolerável dizer ao outro tudo o que ele precisa ouvir, impondo-lhe concepções, desejos e ações que existe dentro de uma crença particular ser as mais corretas. No momento em que é desconsiderado a criança como um ser que já tem percepções de mundo, desejos, vontades e que já interfere neste mundo, é desautorizada a de interferir no mundo e de modificá-lo, porque lhe é dito o que fazer e neste processo ela é impedida de construir outra

coisa diferente das que já foram construídas, e assim é desautorizada a de ser criativa.

Pode-se perceber no decorrer da pesquisa que a história do ser infante começa, na educação onde a criança passa a ser reconhecido como indivíduo com subjetividades, porém ainda era de maneira ríspida e singular, crianças eram preparadas apenas, para reproduzir os “bons costumes” tidos no meio em que viviam, mas em nenhum momento os conduziam ao pensamento crítico, e a auto formação tendo como elemento suas afinidades, ainda que alguns estudiosos, como filósofos e psicólogos afirmaram a necessidade de se ter um olhar diferente para o mundo infantil, com intuito de proporcionar rupturas e quebra de paradigmas no sistema arcaico que se preocupavam somente em manter o padrão de formação para se tornar um humano valorizado, este não era objetivo e tampouco objeto de preocupação da maior parte da população das sociedades que continuavam a reproduzir os padrões aprendidos em gerações anteriores e com isso passavam a ser consideradas adultas em miniaturas e era apresentado ao mundo do trabalho, fato este que se acentuou durante o período de revoluções industriais e aprofundou as diferenças de classes sociais.

A infância não era valorizada, as brincadeiras eram cronometradas pela idade da criança e tidas como perda de tempo. Felizmente concepções como essas mudaram ao longo dos anos, e na contemporaneidade são cientificamente comprovados os benefícios que o ato de brincar proporciona a criança com vistas a torna-la cidadã e cidadãos conscientes de seus deveres na sociedade. Durante as brincadeiras há maior contato humano entre a família, entre as pessoas do convívio da criança, e esta proximidade do adulto em relação à criança desperta nela o sentimento de proteção, carinho, atenção, necessários a saúde mental e física da mesma (MELO, 2019).

As brincadeiras e o estímulo externalizam os sentimentos, as emoções, as fragilidades, as frustrações e acabam demonstrando características da pessoa para além da estrutura física que ela apresenta. Em outras palavras, elas projetam ações que fazem parte do seu próprio ser e que ao mesmo tempo servem como meio de interpretação. ACP por sua vez defende que este momento seja acompanhado pelo adulto, mas que à criança seja dada a liberdade de colocar em prática elementos de

sua imaginação. Que ela tenha autonomia a seja estimulada a ir cada vez mais longe (MELO, 2019).

Com isso é importante que cada indivíduo tenha esse olhar especial para o mundo infantil, houveram algumas dificuldades de encontrar materiais que elucidasse mais sobre essa importância de se dar atenção para o ser infante, pois eles estão nascendo em uma sociedade imediata onde, tudo tem que ser iminente. A criança desde cedo é colocado em deveres, como aula de inglês, música, natação e não tem tempo de se sentir criança, pois esta criança é cobrada o tempo inteiro como um adulto, se desenvolve em uma sociedade robótica e sem tempo, a criança a ser algo construído antes mesmo do nascimento, esquecendo que cada indivíduo é particular e que tem tempo para cada fase de desenvolvimento, acredita-se que é necessário um olhar de mais profissionais da área da psicologia juntamente com a educação e pais, para que juntos possam mudar este percurso de humanidade em querer projetar no outro seus desejos, pois acredito no poder da brincadeira, não somente como um momento de descontração para a criança, mas como uma importante fase onde os adultos podem afunilar vínculos afetivos e estimular o desenvolvimento emocional das crianças brincando. As inquietações que conduzem a percepção da perda de espaço do contato físico entre crianças e adultos para as modernas tecnologias e meios de comunicação devem ser levadas em consideração na contemporaneidade, uma vez que as crianças estão sendo induzidas a utilizar os modernos equipamentos e sendo apresentado ao mundo dos adultos, o que contribui para um processo de personificação precoce.

É necessário fazer do campo científico um local de discussão e instigar a sociedade sobre a importância de repensar práticas exercidas, visando à formação integral do ser humano, que somente com lutas foram reconhecidas e aos poucos estão sendo deixadas de lado, perdendo espaço para instrumentos interativos, que possuem uma gama de possibilidades de uso, mas que nem de longe suprem os benefícios do calor humano que estará guardado na memória como lembranças da infância.

Por sua vez, a ACP pode ser considerada como uma visão de ser humano que valoriza o ser, onde as ações devem ser de liberdade com vistas a induzir ao pensamento crítico e reflexivo, mas nunca impor as visões dos adultos em relação à

criança. A autonomia pode e deve ser exercida, conduzindo a criança a percepção de seus objetivos, e os caminhos que percorre resultando assim no final que almeja.

Referências

APACP- ASSOCIAÇÃO PAULISTA DA ACP - ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA. Disponível em: <<https://apacp.org.br/diversos/artigos/?fbclid=IwAR1fAo7RsCzazrdaQqGQ-JkMN3IWZvbQ5A33yuWwoKi3RnjPe5SOMy82g7l>> Acesso em 19 de outubro de 2019;

ARIÉS, Philippe. **A história social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981;

ARIES, Philippe; VAN DEN BERG, JH Séculos da infância. **Rumo à Sociologia da Educação, editado por J Beck, Jenks C, N Keddie e M Young. New Jersey: Transaction Inc** , p. 37-47, 1978;

ARROYO, Miguel González. A construção social da infância. In: Infância na ciranda da educação: uma política pedagógica para zero a seis anos. Belo Horizonte: CAPE, p. 11-7. 8; 1994;

AXLINE, Virgínia Mãe. **Ludoterapia: a dinâmica interior da criança**. Belo Horizonte. Interlivros, 1972;

_____. **Dibs em busca de si mesmo**. Rio de Janeiro: Agir, 1980. Livro;

_____. **Ludoterapia: A dinâmica interior da Criança**. 2ª ed. Belo Horizonte:interlivros, 1984;

BENJAMIN, Walter. Brinquedos e jogos. _____. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a**, 1984;

BOMTEMPO, E. Brinquedo e educação: na escola e no lar. **Psicol. Esc. educ.**, v.3, n.1, Campinas, 1999. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/scielo>> Acesso: 30 de maio de 2019;

BRASIL. Lei Nº 8.069, De 13 De Julho De 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm.> Acesso em 01 de fevereiro de 2019;

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Cortez, 1995;

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. **Infância e maquinarias**. 2001. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul;

CALDEIRA, Laura Bianca. O conceito de infância no decorrer da história. **Dia a Dia Educação** [on line] abril, 2010. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov>.>

br/diaadia/diadia/arquivos/File/conteudo/artigos_teses/Pedagogia/o_conceito_de_infancia_no_decorrer_da_historia.pdf, 2010> Acesso em 18 de outubro de 2019;

CERISARA, Ana Beatriz. A educação infantil e as implicações pedagógicas do modelo histórico-cultural. **Cedes**, ano 20, n. 35, p. 78-95, jul. 2000;

CORDAZZO, S. T. D.; VIEIRA, M. L. A brincadeira e suas implicações nos processos de aprendizagem e de desenvolvimento. **Estudos e Pesq. em Psicol.**, UERJ, RJ, ano 7, n.1, 2007. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br>> Acesso: maio de 2019;

CÓTICA, Carolina. Psicoterapia Infantil na Abordagem Centrada na Pessoa. **Rev. EnCena**, 2016. Disponível em:<<https://encenasaudemental.com/comportamento/insight/psicoterapia-infantil-na-abordagem-centrada-na-pessoa-acp-possibilidades-e-desafios/>> Acesso em 18 de outubro de 2019;

CRESPO, Teresa Paula Nogueira. **A importância do Brincar para o desenvolvimento da criança**. Tese de Doutorado. 2016;

DAMAZIO, Reinaldo Luiz. **O que é criança: Brasiliense**, 1991;

DIAS, Welbia; SIGNATES, Luiz. Infância e Consumo: o discurso da criança sobre a publicidade na TV e as suas imagens. **XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste**, 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/centrooeste2010/resumos/R21-0207-1.pdf>>. Acesso em 01 de fevereiro de 2019;

FADIMAN, J. ; FRAGER, R. **Teorias da personalidade**. São Paulo: Harbra, 1986;

FERREIRA, Manuela. **A gente gosta é de brincar com os outros meninos**. Porto: Edições Afrontamentos, 2004;

FORMOSINHO, José Eduardo de A. Rogers: Psicoterapia e Subjetividade – Uma Reflexão Crítica. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso). Centro Universitário de Brasília – UniCEUB. 2006. Disponível em: <<http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/2927/2/20211587>>;

FONTOURA, T. R. O brincar e a educação infantil. **Pátio: Educação Infantil**, v1, n. 3, p. 7-9, 2004;

FRIEDMANN, Adriana et al. Paisagens infantis: uma incursão pelas naturezas, linguagens e culturas das crianças. 2011.

FROEBEL, Friedrich. **Letters to a Mother on the Philosophy of Froebel**. Harris, W.T. (ed.) New York/London. D. Appleton and Company. 1912.

GHIRALDELLI, Paulo Júnior. As concepções de infância e as teorias educacionais modernas e contemporâneas, 2002;

GOUVEA, Maria Cristina Soares de; SARMENTO, Manuel. Estudos da Infância: educação e práticas sociais. **Petrópolis, RJ: Vozes**, 2008;

HALL, C.S; LINDSEY, L.; CAMPBELL, J.B. **Teorias da personalidade**. Porto Alegre: Artes Medicas Sul, 2000;

HEYDEBRAND, C. **A natureza Anímica da Criança**. São Paulo: Antroposófica, 1977;

HEYWOOD, Colin. **Uma história da infância. Da Idade Média à Época contemporânea no ocidente**. Trad. Roberto Cataldo Costa. São Paulo: Artmed, 2004;

KISHIMOTO, T. M. **O jogo e a educação infantil**. Perspectiva, Florianópolis, UFSC/CED, n. 22, p. 105-128, 1994. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br>> Acesso: maio de 2019;

LARROSA, Jorge, LARA, Nuria Pérez. **Imagens do outro**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998ª;

LERNER, Melvin J. A crença em um mundo justo. In: **A crença em um mundo justo**. Springer, Boston, MA, 1980;

LIMA, Gerlena Correia; LIMA, Deyseane Maria Araújo. **O brincar como meio facilitador da expressão da criança sob a perspectiva da Gestalt-terapia**. Rio de Janeiro: Revista IGT na Rede, nº 22, p. 28-52, 2015;

LOPES, Vanessa Gomes. **Linguagem do corpo e movimento**. Curitiba (PR): FAEL, 2006;

LOWENFELD, Viktor; BRITAIN, W. Lambert, **Desenvolvimento da Capacidade Criadora**. Traduzido por Álvaro Cabral. São Paulo: Mestre Jou, 1970;

MACHADO, Marina Marcondes. A criança é performer. **Educação & Realidade**, v. 35, n. 2, p. 115-137, 2010;

MAGNABOSCO, Milton. **Criança, Brinquedo e Tecnologia: Uma Relação Delicada**. Universidade Tecnológica Federal Do Paraná. Dissertação de Mestrado, Curitiba, 2007;

MARCONE, M. D. A., & LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. 5ª edição. São Paulo: Editora Atlas AS; 2003;

MELO, Adriana Maria Farias de. **A ACP, a Criança e o Brincar**. Disponível em: <<https://encontroacp.com.br/material/textos/a-acp-a-crianca-e-o-brincar/>>. Acesso em 02 de fevereiro de 2019;

MICELI, Mariana Sant'Ana. **Por uma teoria do fazer – Pedagogia do (RE)conhecimento: educar para “crescer direito”**. Florianópolis, 2010;

MIEL, Alice (coord.). **Criatividade no Ensino**. São Paulo: Ibrasa, 1972;

MORAES, Ingrid Merkler. **A Pedagogia do Brincar Intercensões da ludicidade e da psicomotricidade para o desenvolvimento infantil**. Americana: Centro Universitário Salesiano de São Paulo, 2012;

MOSER, Lilian Maria; CHARLLES, Charlot JN. **As Ideias De Rousseau Sobre a Educação Infantil e Sua Contribuição Para a Atualidade**. Revista Labirinto, Porto Velho, Vol. 28, p. P. 232-246, 2018;

MOYLES, J. R. **Só brincar? O papel do brincar na educação infantil**. Trad. Maria Adriana Veronese. Porto Alegre, RS: Artmed, 2002;

NEVES, Maria Helena de Moura. A vertente grega da gramática tradicional: uma visão do pensamento grego sobre a linguagem. 2005;

OAKLANDER, V. **Descobrendo crianças**. São Paulo: Summus, 1980.

OLIVEIRA, Italo Aguiar Oliveira. **A Criatividade Enquanto Tendência Atualizante: Implicações Para A Saúde Mental**. Ariquemes (RO) 2016;

OLIVEIRA, Emanuelle. **Conceito de Infância**. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/sociologia/conceito-de-infancia>>. Acesso em 01 de fevereiro de 2019;

OLIVEIRA, V. B. **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos**. 5 ed. Petrópolis, 2000;

OSTROWER, Fayga. **Acasos e criação Artística**. 5.ed. Rio de Janeiro: Campus, 1995;

PORTAL, Educação. **Histórico do Desenvolvimento da Infância desde a Idade Média até os dias de hoje**. 2019. Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/psicologia/historico-do-desenvolvimento-da-infancia-desde-a-idade-media-ate-os-dias-de-hoje/26666>>. Acesso em 01 de fevereiro de 2019;

RAFAEL, M. G. A relação de ajuda e a ação social. **Rogeriana: Abordagem Centrada na Pessoa, 2010**. disponível em: <<http://www.rogeriana.com/graca/rasocial.htm>>.;

RODRIGUES, Luzia Maria. **A criança e o Brincar**. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://www.ufrj.br/graduacao/prodocencia/publicacoes/desafios-cotidianos/arquivos/integra/integra_RODRIGUES.pdf>. Acesso em 01 de fevereiro de 2019;

ROGERS, Carl R.; KINGET, Marian. **Psicoterapia e relações humanas**. vol. 1 e 2. Bh Interlivros, 1977;

- ROGERS, Carl. **Client-centered Therapy**. Boston: Houghton-Mifflin, 1951;
_____. **Liberdade para Aprender**. Belo Horizonte: Interlivros, 1978;
_____. **Liberdade para Aprender em nossa década**. Porto Alegre: Arte Médicas, 1985;
_____. **Um Jeito de Ser**. 4ª Edição. Editora Pedagógica e Universitária. São Paulo. 1987;
_____. **Terapia Centrada no Cliente**. São Paulo: Martins Fontes, 1992;
_____. **Sobre o poder pessoal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000;
- ROLIM, A. A. M.; GUERRA, S.S.F.; TASSIGNY, M.M. **Uma leitura de Vygotsky sobre o brincar na aprendizagem e no desenvolvimento infantil**. Ver. Humanidades, Fortaleza, v. 23, n. 2, p. 176-180, jul/dez.2008;
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou Da Infância**. Tradução de Sérgio Milliet 3.ª edição São Paulo: DIFEL, 1979;
- SALOMÃO, Hérica aparecida Souza; MARTINI, Marilaine; JORDÃO, Ana Paula Martinez. A importância do lúdico na educação infantil: enfocando a brincadeira e as situações de ensino não direcionado. **Portal da Psicologia**. 2007. Disponível em :<<http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0358.pdf>>. Acesso em: 30/05/2019;
- SANTOS, Santa Marli Pires dos. **Brinquedo e infância: um guia para pais e educadores**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999;
- SCHIRMER, Ana Cristina Fagundes. **Educação infantil e criatividade**. Campinas, SP: [s.n.], 2001;
- SEABRA, Joana M. Criatividade. **Portal dos Psicólogos**. Dissertação (Mestrado). 2007, p. 42. Programa de Mestrado da Universidade de Coimbra – Portugal, 11 de Setembro de 2008;
- SOUZA, A. M. D. D. **Relação entre vínculos afetivos e processo de aprendizagem: um estudo com alunos de 5 série em escola de São João Del-Rei**. Tese de Doutorado, UNIPAC – Barbacena (MG) 2006. Disponível em: <http://www.unipac.br/bb/teses/chdm20072-11.pdf>. A;
- UJIIE, Nájela Tavares. Ação Lúdica na Educação Infantil. In: **Colloquium Humanarum**. 2007.
- VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007;
- WAJSKOP, Gisela. **Brincar na educação infantil: uma história que se repete**. 9ª. edição, 2012.
- WILDNER, Loreni Beatriz Arnold. " Cesto de tesouros": aprendizagem e desenvolvimento nos bebês do berçário. 2016.

ANEXOS

27/08/2019

Currículo do Sistema de Currículos Lattes (Alexandrina Alves Machado dos Santos)



Alexandrina Alves Machado dos Santos

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/7469825952241985>ID Lattes: **7469825952241985**

Última atualização do currículo em 04/06/2019

Acadêmica de Psicologia cursando o último período de graduação na Instituição de ensino superior FAEMA-

Faculdade de Educação e Meio Ambiente. Com ênfase em Psicologia Clínica com a Abordagem ACP-
Abordagem

Centrada na Pessoa. E-mail: alexandrinnaalves_machado@hotmail.com **(Texto informado pelo autor)**

Identificação

NomeAlexandrina Alves Machado dos Santos**Nome em citações bibliográficas**

Santos Machado A.A

Lattes ID<http://lattes.cnpq.br/7469825952241985> 

Endereço

Formação acadêmica/titulação

2013Graduação em andamento em Psicologia.

Faculdade de Educação e Meio Ambiente, FAEMA, Brasil.

2011 - 2012

Ensino Médio (2º grau).

Instituto de Educação e Cultura Anísio Teixeira - RO, IECAT, Brasil.

Formação Complementar

2019 - 2019	Prevenção e Atenção a crise suicida. (Carga horária: 12h). Fábrica de Competências, FÁBRICA DE COMP, Brasil.
2019 - 2019	Feminicídio e violência doméstica. (Carga horária: 2h). Faculdade de Educação e Meio Ambiente, FAEMA, Brasil.
2018 - 2018	Psicopatologias na Contemporaneidade. (Carga horária: 12h). Faculdade de Educação e Meio Ambiente, FAEMA, Brasil.
2016 - 2016	Camp do dia Nacional Contra o abuso e a exploração sexual de Crianças e ado. (Carga horária: 50h). CREAS JAMARI, CREAS, Brasil.
2016 - 2016	Psicologia Jurídica e Depoimento Especial: Responsabilidade e Ética Prof. (Carga horária: 4h). Faculdade de Educação e Meio Ambiente, FAEMA, Brasil.
2016 - 2016	III Mostra de Talentos do Curso de Psicologia. (Carga horária: 8h). Faculdade de Educação e Meio Ambiente, FAEMA, Brasil.
2015 - 2015	Populações Afrodescendentes de Rondônia: Identidade, Políticas Públicas. (Carga horária: 2h). TUCAN AFRO, TUCAN AFRO, Brasil.
2015 - 2015	Conferencia Municipal de Políticas Públicas de Direitos Humanos. (Carga horária: 8h). SEMDES-Secretaria Municipal de Assistência Social, SEMDES, Brasil.
2015 - 2015	POLITICAS PUBLICAS PARA AS MULHERES DO VALE DO JAMARI. (Carga horária: 4h). Câmara Municipal de Ariquemes Rondônia, CÂMARA MUNI, Brasil.
2015 - 2015	II Mostra de Talentos do Curso de Psicologia. (Carga horária: 8h). Faculdade de Educação e Meio Ambiente, FAEMA, Brasil.
2015 - 2015	Dia mundial da Conscientização do Autismo. (Carga horária: 4h). Faculdade de Educação e Meio Ambiente, FAEMA, Brasil.
2014 - 2014	I Mostra de Talentos do Curso de Psicologia. (Carga horária: 4h). Faculdade de Educação e Meio Ambiente, FAEMA, Brasil.
2014 - 2014	ACOLHIMENTO SOCIOEDUCATIVO PARA CRIANÇA E ADOLESCENTE DE ARIQUEMES. buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K8702933T4&tipo=completo&idiomaExibicao=1 (Carga horária: 4h).
1/2 27/08/2019	Currículo do Sistema de Currículos Lattes (Alexandrina Alves Machado dos Santos) Ministério Público, MP, Brasil.
2013 - 2013	Capacitação de Novos Usuários da Biblioteca Júlio Bordgnon. (Carga horária: 5h). Faculdade de Educação e Meio Ambiente, FAEMA, Brasil.

Idiomas

Português

Compreende Bem, Fala Bem, Lê Bem, Escreve Bem.

Produções

Produção bibliográfica